



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Engenharia

Projecto de reconversão de um Cine-Teatro em equipamento hoteleiro para a cidade de Mangualde

Daniel Ramos Oliveira

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Arquitectura
(Ciclo de estudos integrado)

Orientador: Prof. Doutor Jorge Humberto Canastra Marum

Covilhã, Outubro de 2013

Agradecimentos

Para a realização desta dissertação foi imprescindível o apoio e colaboração de várias pessoas e entidades, sem as quais não seria possível a concretização da mesma. Assim, agradeço:

Em primeiro lugar, ao meu Orientador Professor Doutor Jorge Humberto Canastra Marum, pela confiança, disponibilidade e apoio firme que permitiu uma orientação assertiva aos objectivos e desenvolvimento desta dissertação.

À Universidade da Beira Interior, especialmente aos Professores que me acompanharam e ensinaram ao longo destes cinco anos.

À Câmara Municipal de Mangualde, na pessoa do Sr. Presidente Doutor João Azevedo e à planeadora, Doutora Sandra Pais, pelo auxílio prestado e pela faculta de documentação relativa à cidade e ao Cine-Teatro.

Ao IGAC pela amabilidade e disponibilidade prestada na consulta dos documentos referentes ao tema da dissertação.

À Caixa de Crédito Agrícola Mútuo do Vale do Dão e Alto Vouga por me ter possibilitado a visita ao Cine-Teatro de Mangualde.

À Bruna Raquel por todo o companheirismo e amizade, não só no período de elaboração desta dissertação, mas ao longo de todo o meu percurso académico, partilhando todos os bons e maus momentos com bastante cumplicidade.

Ao André Barroco e Filipe Correia pela cooperação, força e paciência que mostraram durante este período.

A todos os meus amigos, que me apoiaram, compreenderam e se mostraram sempre disponíveis para o que necessitasse.

À minha irmã, que fez parte do meu crescimento e sempre me ajudou, mostrando-se uma verdadeira amiga.

Por fim, mas não menos importante, aos meus pais, pelo apoio, carinho incondicional e por todas as oportunidades que me proporcionaram, pois sem eles eu não seria a pessoa que sou.

Nota Prévia

A partir do século XIX, as intervenções em imóveis preexistentes têm vindo a ganhar maior impacto na sociedade, desenvolvendo-se, acerca desta temática, diversas teorias e práticas. Já no século XIX, assim como actualmente, o património era encarado como um bem para toda a sociedade, devendo contribuir para o desenvolvimento cultural da mesma.

Desde a década de 50 do mesmo século, surgem as mais significativas intervenções no património, adaptando-o a novos usos e funções, surgindo assim, a conversão de antigos conventos, mosteiros, fortes militares em hospitais, bibliotecas, câmaras municipais, museus, escolas, etc.

É no ano de 1951, que ocorre a primeira intervenção de um monumento para Pousada de Portugal, adaptando a alcáçova do Castelo de Óbidos. Assim, a partir de 1970, esta nova tipologia em edifícios históricos, tornou-se habitual.

O presente trabalho assume, assim, a sua importância, quer pelo tema de estudo que é abordado, quer pela possibilidade de apresentar uma nova proposta de reconversão do Cine Teatro de Mangualde para Pousada. Apresenta-se, portanto, como uma mais valia para o estudo de unidades hoteleiras em edifícios preexistentes, assim como alertar e fomentar o interesse pela recuperação do Património imóvel.

Tendo em conta a conjectura atual relativa ao mercado de trabalho em arquitectura, na qual se tem assistido a um declínio da construção em Portugal e uma maior preocupação pela recuperação de imóveis, esta dissertação pretende aprofundar e adquirir conhecimento sobre a temática da reconversão de edifícios, assim como a respectiva metodologia projectual e soluções construtivas.

Resumo

O principal objectivo desta investigação prende-se com a elaboração de uma proposta de reconversão de um edifício, em elevado estado de degradação, na cidade de Mangualde.

Como funcionalidade principal para este imóvel, optámos por projectar uma unidade hoteleira, mais concretamente uma Pousada, visto que, em Portugal com a actual conjuntura económica, se verifica uma maior preocupação e investimento no sector do Turismo. O Turismo português abrange diversos interesses que se difundem por mercados internacionais, com diferentes requisitos, tipos e motivações, sendo um contributo importante para a riqueza do país.

Um pouco por todo o mundo, observamos o abandono dos centros históricos das cidades e consequente degradação do seu Património, sendo imperativo a sua valorização e preservação para que a sociedade actual e vindoura possam usufruir, apreciar e conhecer a sua importância e história, intrinsecamente ligada ao local.

Nesta linha, propõe-se a reconversão do Cine-Teatro de Mangualde, construído em 1948, obra do arquitecto Keil do Amaral, tratando-se de um edifício com grande impacto na cidade, cultural e historicamente, sendo, ainda hoje, um marco do concelho, que se encontra abandonado. A construção dos Cine-Teatros data entre as décadas de 1930 e 1960, no período de vigência do Estado Novo, seguindo o percurso da arquitectura portuguesa do século XX.

Atualmente, as salas de cinema estão a cair em desuso, verificando-se uma situação semelhante em Mangualde, onde existem algumas salas polivalentes, para espetáculos e exibição de filmes, que se encontram vazias e sem programação.

A proposta de reconversão deste edifício resulta das preocupações sócio-económicas actuais, aliando a recuperação de património com as exigências do mercado, relativas ao turismo.

Palavras-chave

Equipamento Hoteleiro, Turismo, Património, Projecto de reconversão, Mangualde

Abstract

The main objective of this investigation is to propose the renovation of a building, in a high state of degradation, in the city of Mangualde.

Given the current economic crisis in Portugal and the increasing interest and investment in tourism, the primary purpose of the property will be that of a hotel unit. Tourism in Portugal has wide interests that are spread through international markets, with different requirements, types and motivations, which is an important contribution to the richness of this country.

All around the world, it is possible to see the abandonment of historical city centres and the consequent degradation of their patrimony. It is necessary to value and preserve each place, so that we and future generations are able to enjoy, appreciate and get to know the beauty and history intrinsically connected to that place.

Therefore, we propose the conversion of Mangualde's movie theater, designed by the architect Keil do Amaral in 1948. A building that had a great cultural and historical impact in the city, although now abandoned, is still a landmark in the region. The construction of the movie theaters dates back to the decades between 1930 and 1960, the Portuguese period of dictatorship, in keeping with the styles of Portuguese architecture in the 20th century.

Nowadays, movie theaters are falling into disuse, verifying a similar situation in Mangualde, where there is possible to find some multipurpose rooms where films and shows are exhibited, which are empty and without programming schedules.

The proposal to change the function of this building is a result of current social and economic concerns, allying the recuperation of cultural heritage with the market demands concerning tourism.

Keywords

Hotel Equipment, Tourism, Patrimony, Conversion Project, Mangualde

Índice

1. Introdução	1
1.1 Metodologia	1
1.2 Hipótese	2
1.3 Objectivos	3
1.4 Normalização	3
2. Definições e conceitos-chave	5
2.1 Definições	5
2.2 Interpretação das definições/conceitos	6
3. Contexto Histórico	9
3.1 A reabilitação	9
3.2 Os cinemas	10
3.3 O Cine-Teatro de Mangualde	16
3.4 A cidade de Mangualde	19
3.5 Dados demográficos	21
3.6 As pousadas	22
4. Casos de estudo	25
4.1 Pousada de Santa Marinha da Costa, Guimarães	25
4.2 Pousada de Santa Maria do Bouro, Amares	31
4.3 Pousada da Flor da Rosa, Crato	36
5. O projecto	41
5.1 O existente. Da construção à actualidade	41
5.2 Memória Descritiva	45
5.2.1 Ideia/Conceito	49
5.2.2 Soluções construtivas	50
5.2.3 Lógica/Percursos	53
6. Conclusões	57
Bibliografia	59
Lista de Anexos	65

Lista de Figuras

Figura	Pág.
Figura 1 - Fachada do Real Coliseu. Consultado dia 9 de Abril de 2013 às 15h Fonte: http://cinemasparaiso.blogspot.pt/2013/02/real-coliseu-de-lisboa-palco-da-estreia.html	10
Figura 2 - Palco do Real Coliseu. Consultado dia 9 de Abril de 2013 às 15h Fonte: http://cinemasparaiso.blogspot.pt/2013/02/real-coliseu-de-lisboa-palco-da-estreia.html	10
Figura 3 - Planta do Cinema Chiado Terrasse. Consultado dia 9 de Abril de 2013 às 19h Fonte: http://cinemasparaiso.blogspot.pt/2007/06/cinema-dos-primrdios-chiado-terrace.html	12
Figura 4 - Interior do Cinema Tivoli. Consultado dia 9 de Abril de 2013 às 22h Fonte: http://cinemaoscopos.blogspot.pt/2010/02/tivoli-1924-1991.html	13
Figura 5 - Exterior do Cinema Tivoli. Consultado dia 9 de Abril de 2013 às 22h Fonte: http://cinemaoscopos.blogspot.pt/2010/02/tivoli-1924-1991.html	13
Figura 6 - SNP, Comícios Anti-Comunistas. Consultado dia 10 de Abril de 2013 às 14h Fonte: http://www.amordeperdicao.pt/especiais_solo.asp?artigoid=204 (Col. Cinemateca Portuguesa)	14
Figura 7 - Desenho da Fachada do Instituto Pasteur, Keil do Amaral, 1934. Consultado dia 10 de Abril de 2013 às 18h Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/53/Instituto_Pasteur_Porto_Keil_do_Amaral.jpg	15
Figura 8 - Fotografias da construção do Cine-Teatro de Mangualde Fonte: Arquivo Municipal de Mangualde	17
Figura 9 - Fotografias do Cine-Teatro de Mangualde, 2011 Fonte: Próprio autor	18

Figura 10 - Anta da Cunha Baixa, Mangualde. Consultado dia 11 de Abril de 2013 às 21h	19
Fonte: http://www.turismo.guarda.pt/descobriraregiao/SerradaEstrela/PublishingImages/Antamonumentaldacunhabaixa.jpg	
Figura 11 - Monte e Santuário da Nossa Senhora do Castelo. Consultado dia 11 de Abril de 2013 às 21:30h	20
Fonte: http://viseumais.com/viseu/wp-content/uploads/Igreja-de-Nossa-Senhora-do-.jpg	
Figura 12 - Fotografia antiga do Bairro do Rossio. Consultado dia 12 de Abril de 2013 às 15h	21
Fonte: http://www.cmmangualde.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=224&Itemid=248	
Figura 13 - Fotografia antiga do Bairro Cabo da Vila. Consultado dia 12 de Abril de 2013 às 15h	21
Fonte: http://www.cmmangualde.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=224&Itemid=248	
Figura 14 - Pousada de Manteigas. Consultado dia 14 de Abril de 2013 às 16h	23
Fonte: http://www.portugalvirtual.pt/pousadas/manteigas/pt/index.html	
Figura 15 - Pousada do Freixo, Porto. Consultado dia 14 de Abril de 2013 às 16h	23
Fonte: http://eficienciaenergtica.blogspot.pt/search/label/TRAVEL?updated-max=2012-04-28T13:16:00-07:00&max-results=20&start=40&by-date=false	
Figura 16 - Pousada de Viseu. Consultado dia 14 de Abril de 2013 às 16h	23
Fonte: http://www.presstur.com/site/news.asp?news=18946	
Figura 17 - Pousada de Faro. Consultado dia 14 de Abril de 2013 às 16h	23
Fonte: http://www.asiarooms.com/en/portugal/faro/190960-pousada_de_faro_estoi_palace_hotel.html	
Figura 18 - Vista geral da Pousada, 1999. Consultado dia 3 de Maio de 2013 às 11h	25
Fonte: DGMNE - http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5679	

Figura 19 - O Mosteiro da Costa, 1928. Consultado dia 3 de Maio de 2013 às 16h Fonte: http://s-nicolau.blogspot.pt/2007/11/do-colgio-da-costa.html (fotografia de "O Labor da Grei", editado por Francisco Martins, encontrada no Arquivo da Sociedade Martins Sarmento)	27
Figura 20 - Chafariz e varanda de Frei Jerónimo. Consultado dia 3 de Maio de 2013 às 19h Fonte: http://www.guimaraesturismo.com/pages/155?geo_article_id=125	27
Figura 21 - Esquema espacial da pousada Fonte: Dissertação de Mestrado. Brandão, Mariana, 2001. <i>Pousadas de Portugal: três estudos de caso: Pousada de D. Diniz, Santa Marinha da Costa e Santa Maria do Bouro</i> . Porto: FLUP	28
Figura 22 - Fachada lateral, do novo volume, 1993. Consultado dia 3 de Maio de 2013 às 19h Fonte: DGMNE - http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5679	29
Figura 23 - Fachada Sul da Pousada, 2006. Consultado dia 4 de Maio de 2013 às 15h Fonte: DGMNE - http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1123	31
Figura 24 - Desenho da implantação do mosteiro, 1962. Consultado dia 5 de Maio de 2013 às 14h Fonte: DGMNE - http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1123	32
Figura 25 - Mosteiro de Santa Maria do Bouro, 1946. Consultado dia 5 de Maio de 2013 às 14h Fonte: DGMNE - http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1123	32
Figura 26 - Fachada Sul da Pousada Fonte: <i>New Perspective: Design Hotels</i> . Barcelona: Links International, 2007, p.135	33
Figura 27 - Vista geral Sul da Pousada. Consultado dia 8 de Maio de 2013 às 23h Fonte: http://rgpsousa.blogspot.pt/2012/07/mosteiro-de-santa-maria-do-bouro.html	34

Figura 28 - Imagens das zonas comuns da Pousada. Consultado dia 8 de Maio de 2013 às 13h	34
Fonte: http://www.asiarooms.com/en/portugal/amares/190759-pousada_de_geres_amares_santa_maria_do_bouro-hotel-gallery.html	
Figura 29 - Chaminé e fachada Sul da Pousada. Consultado dia 11 de Maio de 2013 às 17h	35
Fonte: http://rgpsousa.blogspot.pt/2012/07/mosteiro-de-santa-maria-do-bouro.html	
Figura 30 - Vista aérea e implantação da Pousada. Consultado dia 13 de Maio de 2013 às 12h	36
Fonte: http://portugalfotografiaaerea.blogspot.pt/2010/07/flor-da-rosa.html	
Figura 31 - Fachada principal da Pousada. Consultado dia 13 de Maio de 2013 às 17h	37
Fonte: http://www.pousadas.pt/historic-hotels-portugal/pt/pousadas/alentejo-hotels/pousada-do-crato/flor-da-rosa/pages/event-guide.aspx	
Figura 32 - Imagem do novo corpo projectado por Carrilho da Graça. Consultado dia 13 de Maio de 2013 às 17h	37
Fonte: http://andessemparar.blogspot.pt/2011/01/pousada-flor-da-rosa-crato.html	
Figura 33 - Imagem do Claustro. Consultado dia 13 de Maio de 2013 às 12h	38
Fonte: http://www.geolocation.ws/v/W/File%3AFlor%20da%20Rosa%20claustro.jpg/-/en	
Figura 34 - Bar da Pousada (antiga Sala do Capítulo). Consultado dia 13 de Maio de 2013 às 17h	39
Fonte: http://www.viamichelin.pt/web/Hotel/Portalegre-7430_999-Pousada_do_Crato_Flor_da_Rosa-t9ds96	
Figura 35 - Recorte do Jornal de Notícias, Porto, 8 de Abril de 1950	41
Fonte: Arquivo Municipal de Mangualde	
Figura 36 - Desenhos dos alçados frontal e lateral respectivamente	42
Fonte: Próprio autor	
Figura 37 - Planta do Piso 0 do Cine-Teatro	42
Fonte: Próprio autor	

Figura 38 - Maquete virtual do Cine-Teatro	43
Fonte: Próprio autor	
Figura 39 - Interior do Cine-Teatro, 2013	44
Fonte: Próprio autor	
Figura 40 - Fotografia do Cine-Teatro, 2013	44
Fonte: Próprio autor	
Figura 41 - Fotografia do interior (antigo bar) do Cine-Teatro, 2013	45
Fonte: Próprio autor	
Figura 42 - Fotografia do Cine-Teatro (zona da plateia), 2013	45
Fonte: Próprio autor	
Figura 43 - Fotografia do pátio lateral do Cine-Teatro, 2013	46
Fonte: Próprio autor	
Figura 44 - Localização/implantação (sem escala)	47
Fonte: Google Earth, editada pelo próprio autor	
Figura 45 - Esquemas das diferentes tipologias de quartos	48
Fonte: Próprio autor	
Figura 46 - Desenho esquemático em corte	51
Fonte: Próprio autor	
Figura 47 - Desenho esquemático inicial da distribuição dos espaços	51
Fonte: Próprio autor	
Figura 48 - Esquema das paredes exteriores (sem escala)	52
Fonte: Próprio autor	
Figura 49 - Esquema das diferentes paredes interiores (sem escala)	52
Fonte: Próprio autor	
Figura 50 - Esquema das lajes (sem escala)	53
Fonte: Próprio autor	

Figura 51 - Entradas da Pousada	55
Fonte: Próprio autor	
Figura 52 - Organograma espacial do piso térreo	55
Fonte: Próprio autor	
Figura 53 - Organograma espacial do piso 1	56
Fonte: Próprio autor	
Figura 54 - Organograma espacial do piso 2	56
Fonte: Próprio autor	

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Resumo de espaços por piso

Fonte: Próprio autor

Tabela 2 - Áreas totais das diferentes zonas

Fonte: Próprio autor

Lista de Acrónimos

CCRN	Comissão de Coordenação da Região do Norte
CE	Comissão Europeia
DGEMN	Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais
D.L.	Decreto lei
FAULP	Faculdade de Arquitectura da Universidade Lusófona do Porto
FAUP	Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto
FAUTL	Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa
FCTUC	Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra
FEUP	Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto
FLUP	Faculdade de Letras da Universidade do Porto
IGAC	Instituto Geral das Actividades Culturais
IGESPAR	Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico
INE	Instituto Nacional de Estatística
IPPAR	Instituto Português do Património Arquitectónico
ISCTE	Instituto Universitário de Lisboa
PDM	Plano Director Municipal
SNP	Secretariado de Propaganda Nacional
UBI	Universidade da Beira Interior
UC	Universidade de Coimbra
UTL	Universidade Técnica de Lisboa

1. Introdução

Nas últimas décadas, a reabilitação de Património tem vindo a ganhar maior importância, sendo hoje consensualmente reconhecida como um motor de desenvolvimento dos espaços, quer em termos de competitividade, paisagem, promoção e desenvolvimento dos locais e, por conseguinte, melhoria no nível de vida da sociedade.

O conceito de Património tem sofrido evoluções ao longo do tempo, estando as mudanças e alterações conceptuais relacionadas com a sua composição, mas também pelo aproveitamento por parte da sociedade. Numa primeira fase, em meados do século XIX, o pensamento centrava-se na preservação dos edifícios e objectos do passado, entrando, a partir da década de 60, numa fase de reutilização e conservação. Nos últimos anos a reabilitação do Património tem sido valorizada numa perspectiva de utilização para diversas funções, desde culturais, pedagógicas, utilitárias, económicas, sociais e impulsionadora do turismo.

É a partir do século XX, nomeadamente após a II Grande Guerra Mundial, que o turismo se torna mais habitual na sociedade. Verifica-se nessa altura, na Europa, um período de prosperidade económica, com a melhoria dos padrões de vida, leis laborais e desenvolvimento da rede e dos transportes, iniciando o aparecimento do turismo de massas. “Se em 1950 eram 25 milhões de turistas, meio século depois a cifra ascendia já aos 700 milhões, prevendo-se [em 2020] 1,6 mil milhões”¹. Actualmente o turismo surge como uma das indústrias mais significativas à escala mundial.

É na sequência dos conceitos e temáticas descritas anteriormente que surge este tema para a dissertação abordando a temática do património cultural da cidade de Mangualde, nomeadamente a reconversão do Cine-Teatro para equipamento hoteleiro dirigido ao turismo.

1.1 Metodologia

Para a realização desta dissertação foi efectuada uma revisão e investigação literária, que serviu de suporte teórico para o projecto de reconversão, com vista a desenvolver soluções arquitectónicas e urbanísticas para o edifício que se encontrava em avançado estado de degradação.

Numa primeira fase, com base em dicionários e enciclopédias, definimos, clarificámos e interpretámos os conceitos chave da dissertação, nomeadamente, *Equipamento Hoteleiro*,

¹ Luís Maio in *Do Planeta como Fábrica de Turistas*, Jornal de Arquitectos, nº 227. Lisboa, 2007, p. 42.

Turismo, Mangualde, Património e Projecto de reconversão.

Sendo o imóvel em estudo o Cine-Teatro de Mangualde, numa segunda fase recolhemos informação desenhada e fotografada, desde a sua construção até aos dias de hoje, assim como de outros Cine-Teatros construídos no Estado Novo a fim de compreender o impacto que a sua construção teve no panorama cultural e social em Portugal em particular no caso de Mangualde. Esta informação foi recolhida na Biblioteca Municipal de Mangualde, Arquivo da Câmara Municipal de Mangualde e IGAC de Lisboa.

Seguidamente, realizámos uma análise literária através de uma sustentação teórica sobre o Património percebendo a importância da preservação, recuperação e reconversão, de como esta deve ser efectuada, e tendo como consequências a melhoria da vida social e económica de uma localidade. Nesta mesma fase incidimos também sobre a revisão literária em aspectos relacionados com equipamentos hoteleiros e turismo em Portugal, assim como sobre a recolha de material, escrito e desenhado, de outros casos para estudo de imóveis reconvertidos em Pousadas. Para isto, recorremos à Biblioteca da Universidade da Beira Interior, Biblioteca Nacional de Lisboa, Biblioteca Municipal do Porto e Biblioteca da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

Posteriormente, através da análise e crítica literária da informação reunida juntamente com as leis e normas relativas à cidade de Mangualde e às unidades hoteleiras, demos início à concepção do programa do equipamento hoteleiro.

Assim, numa última fase, surgiram algumas directrizes que sustentam o processo criativo e espacial na concepção da nova proposta projectual no edifício a intervir. Para este processo também contribuíram a análise dos casos de estudo, assim como toda a pesquisa bibliográfica, recolha de informação e investigação projectual.

Com tudo isto como suporte, demos início à elaboração do projecto visando atingir os objectivos delineados e sobretudo procurando responder à questão fulcral da dissertação.

1.2 Hipótese

A presente dissertação visa investigar fundamentalmente sobre a seguinte questão: de que forma se pode elaborar um projecto de reconversão de um Cine-Teatro em unidade hoteleira?

O interesse por este tema surgiu do gosto pessoal pela área da reabilitação de edifícios aliado ao conhecimento do estado actual do Cine-Teatro de Mangualde. É opinião geral da população que se trata de um imóvel de grande interesse cultural e arquitectónico, daí o desagrado pela sua condição de abandono e destruição.

Tendo em conta que, por um lado, as salas de espectáculos estão a cair em desábito, e por outro o turismo está em crescente, optou-se por essa nova função, reconvertendo o antigo espaço numa unidade hoteleira.

1.3 Objectivos

Com a elaboração desta dissertação pretende-se, essencialmente, elaborar um projecto de reconversão do Cine-Teatro tendo em conta a essência, história, imagem e impacto que o imóvel representa no local onde está implantado.

Pretendemos, também, como objectivo, alertar para a importância da reabilitação na conjuntura económica actual, na qual a preocupação pela recuperação não se deve cingir aos edifícios classificados como Património.

Numa outra vertente, pretende-se adquirir conhecimentos teóricos e práticos sobre o processo de reconversão, quais os métodos a adoptar e as soluções construtivas mais adequadas para este tipo de projecto.

O presente trabalho assenta ainda na procura de uma solução para atrair pessoas ao interior do país e contrariar a desertificação que cada vez mais se verifica, com as populações a deslocarem-se para os grandes centros urbanos, principalmente litorais.

1.4 Normalização

A estruturação desta dissertação foi determinada pelas *Normas de formatação de dissertações de Mestrado* da Universidade da Beira Interior, segundo despacho N° 49/R/2010, seguindo a sequência de apresentação por este definida.

Nas notas de rodapé, citações e bibliografia, adoptámos as normas internacionais do *Harvard System of Referencing Guide*. As obras consultadas e referenciadas no texto constam na bibliografia. Quando mencionadas no corpo de texto com nota numerada, as suas referências encontram-se abreviadas em nota de rodapé e por extenso na bibliografia geral.

As citações utilizadas ao longo desta dissertação, encontram-se em *itálico* e entre aspas (“texto”). As restantes palavras em *itálico* mas sem aspas (*texto*), que surgem ao longo do texto, dizem respeito a títulos, marcas ou palavras que julgamos importantes de salientar.

Esta dissertação não se encontra escrita ao abrigo do novo acordo ortográfico, que entrou em vigor a 1 de Janeiro de 2012.

2. Definições e conceitos chave

Para começar, parece-nos essencial definir e interpretar os conceitos e palavras chave da presente dissertação, de forma a tornar mais claro os objectivos propostos e com um maior rigor linguístico.

2.1 Definições

Hotel ²

n.m. estabelecimento onde se alugam temporariamente quartos mobilados, com ou sem serviços de refeições. (Do lat. *hospitāle*- «albergue», pelo fr. *hôtel*, «hotel»)

Hotel ³

1. Casa, habitação privada. Na Idade Média, o termo designa qualquer habitação, mas no séc. XVII um H. é uma casa de distinção habitada por uma pessoa qualificada. 2. Actualmente, um hotel é um estabelecimento destinado a alugar quartos, com certo luxo, servindo ou não refeições. 3. Edifício ocupado por certos estabelecimentos públicos (Hotel dos Inválidos, etc.) O *H. De Ville* é o edifício onde tem a sede o conselho municipal e onde se agrupam os serviços de administração de uma cidade.

Património ⁴

n.m. 1. herança paterna; 2. bens que se herdaram dos pais ou avós; bens de família; 3. zonas, edifícios e outros bens naturais ou materiais de determinado país que são protegidos e valorizados pela sua importância cultural; 4. RELIGIÃO dote necessário para a ordenação de um eclesiástico; 5. figurado riqueza (Do lat. *patrimoniu*-, «id.»)

Património ⁵

Conjunto de bens culturais que devem ser preservados sendo protegidos por legislação específica. Em Portugal, o primeiro alvará de protecção ao P. data de 1721 e foi da responsabilidade de D. João V.

² Definição in *Dicionário de Língua Portuguesa* 2009. Porto, 2008

³ Definição in *Dicionário de termos de arte e arquitectura*. Lisboa, 2005

⁴ Definição in *Dicionário de Língua Portuguesa* 2009. Porto, 2008

⁵ Definição in *Dicionário de termos de arte e arquitectura*. Lisboa, 2005

Património ⁶

São os valores que herdamos do passado e que pela sua importância natural ou cultural, devem merecer o cuidado e a protecção por parte do Estado e de cada um de nós, por forma a continuarem a documentar esse passado e contribuírem para a identidade nacional ou regional. Faz parte do legado de cada geração a transmissão e o enriquecimento da memória colectiva que estrutura as nossas sociedades. Todo o património deveria ser classificado como universal, porque a memória colectiva e o que com ela herdamos devem ser a base do progresso de cada povo e da humanidade em geral.

Pousada ⁷

n.f. 1. acto ou efeito de pousar; 2. Paragem numa casa para descansar ou pernoitar; 3. Casa onde se faz essa paragem; albergaria; hospedaria; estalagem; 4. Estabelecimento hoteleiro de bom nível; 5. Domicílio; 6. FIGURADO abrigo; acolhimento; agasalho 7. REGIONALISMO conjunto de cinco molhos de cereal ceifado

Pousada ⁸

s.f. 1. Acção de pousar; 2. Paragem numa casa para descansar indo de jornada; 3. Estalagem; 4. Morada, domicílio, residência; 5. Choupana; aposentadoria; 6. [Portugal: Beira, Trás-os Montes] Conjunto de quatro molhos de trigo ou centeio que devem dar um alqueire

Projecto ⁹

n.m. 1. plano para a realização de um acto; esboço; 2. representação gráfica e escrita, acompanhada de um orçamento que torne viável a realização de uma obra; 3. cometimento; empresa; 4. desígnio; tenção; 5. FILOSOFIA na filosofia existencial, aquilo para que o homem tende e é constitutivo do seu ser verdadeiro; DIREITO ~ de lei proposta apresentada à assembleia legislativa para ser discutida e convertida em lei (Do lat. *Projectu-*, «lançado», part. pass. de *projicere*, «lançar para a frente»)

Projecto ¹⁰

1. Desenho de arquitectura que representa em planta, corte e alçado, o conjunto e os pormenores de um edifício a construir; 2. Plano geral de um edifício, geralmente executado em escala maior do que o anteprojecto, isto é, 1:100 ou 1:50 com pormenores em escala 1:20, 1:10, 1:5 ou até em escala natural, conforme o caso.

⁶ Definição in *Glossário de termos*. Porto, 1998

⁷ Definição in *Infopédia*. Porto, 2003-2013

⁸ Definição in *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*, 2008-2013, [consultado em 27-09-2013], <http://www.priberam.pt/dlpo/pousada>

⁹ Definição in *Dicionário de Língua Portuguesa* 2009. Porto, 2008

¹⁰ Definição in *Dicionário de termos de arte e arquitectura*. Lisboa, 2005

Reconversão ¹¹

n.f. 1. acto ou efeito de reconverter ou reconverter-se; 2. nova conversão; 3. ECONOMIA transformação da economia de um país ou região no sentido de a adaptar a novas condições financeiras ou económicas consequentes do progresso 4. adaptação de um funcionário a uma nova actividade profissional (De re-+converter)

Turismo ¹²

n.m. 1. actividade de viajar, de conhecer lugares que não aquele onde se vive habitualmente; 2. tudo o que se relaciona com os serviços organizados de viagens de pessoas que praticam esta actividade; 3. movimento dos turistas; ~ *rural* tipo de turismo realizado em casas rústicas que possuem as características do meio rural em que se encontram, permitindo aos hóspedes um contacto direto com os usos e costumes da população local (Do inglês *tourism*, «id», pelo fr. *tourisme*, «id»)

2.2 Interpretação das definições/conceitos

Entende-se por *Hotel*, um edifício constituído por quartos mobilados, capaz de alojar com conforto, requinte e facilidade, hóspedes e viajeros. Pode servir, ou não, refeições e contar com variados serviços e actividades para os clientes, ou público em geral.

Sobre o conceito de *Património*, compreendemos como sendo todos os bens, materiais ou imateriais, que devem ser vistos como algo a preservar devido ao seu valor próprio, assim como por sustentar a identidade cultural de determinado local. É visto como uma herança do nosso passado, pelo que deverá ser protegido para que as gerações vindouras dele possam usufruir. Desta maneira, encaramos o Cine-Teatro de Mangualde como um imóvel de enorme interesse cultural, admitindo-o como Património.

Em relação ao conceito *Pousada*, entende-se por um edifício que apresenta uma função semelhante à do *Hotel*, diferindo essencialmente nas suas dimensões, apresentando a *Pousada*, geralmente, um tamanho mais reduzido. No nosso país existe uma rede de instalações hoteleiras de qualidade, denominada *Pousadas de Portugal*, muitas delas criadas através da recuperação de edifícios com valor cultural e patrimonial. Assim, o termo *Pousada* surge nesta dissertação pela sua dimensão e pelo facto de ser tratar de um projecto de reconversão de um imóvel com fins culturais em unidade hoteleira.

Como conceito de *Projecto*, em arquitectura, entende-se o conjunto de peças desenhadas e também escritas, que tem como objectivo a obtenção de um conceito para posteriormente

¹¹ Definição in *Dicionário de Língua Portuguesa* 2009. Porto, 2008

¹² Definição in *Dicionário de Língua Portuguesa* 2009. Porto, 2008

originar a realização de uma obra, através da sua leitura e interpretação. A elaboração de um *projecto* envolve diversas fases, onde os conteúdos específicos e valores quantitativos se encontram oficialmente regulamentados. O *projecto* pretende dar resposta a um determinado problema, satisfazendo variadas necessidades intervindo de forma positiva na melhoria da qualidade de vida.

No que diz respeito ao conceito de *reconversão*, aqui surge como a adaptação de um edifício pré-existente com determinada funcionalidade (Cine-Teatro) numa nova função (Pousada), mantendo, ou não, a essência do imóvel.

Relativamente ao conceito *Turismo*, entendemos como a actividade na qual as pessoas viajam e permanecem em sítios, fora do seu ambiente natural por um curto período de tempo, inferior a um ano consecutivo, por lazer, negócios ou outra natureza.

3. Contexto Histórico

3.1 A reabilitação

A reabilitação dos imóveis não surge nos nossos dias, pois na época do Renascimento, Alberti (1404-1472)¹³, traça as primeiras ideias para se intervir em edifícios existentes, aparecendo desde então, várias ideias e formas de abordar a questão do restauro.

Actualmente, este tema ganha ainda mais relevância, devido ao consumismo descontrolado e falta de consciencialização para a protecção dos recursos, por parte da sociedade em que vivemos. Um pouco por todo o mundo a construção de novas edificações proliferou, resultando no abandono dos edifícios antigos, acentuando, assim, a tendência para a desertificação dos centros urbanos, aumentando os problemas sociais como a marginalidade e envelhecimento da população e, por consequência a falta de condições de habitabilidade.

Face a esta realidade, foram criadas várias medidas, nacionais e regionais para que se consciencializasse a população em geral e sobretudo os principais intervenientes no processo de reabilitação, para a problemática ambiental e a importância de recuperar o património existente. Assiste-se portanto, a um aumento da tendência de intervenção no património edificado, com obras de reabilitação e conservação. A reabilitação não poderá ser vista apenas como um factor económico, na medida em que, socialmente, surgiria a possibilidade do retorno e fixação da população para as zonas com os imóveis recuperados. Para além de garantir a sustentabilidade arquitectónica e urbana e contribuir para uma maior poupança de energia e recursos, protege os valores culturais deixados pelos nossos antepassados, não apenas à escala de cidade mas do próprio mundo em que vivemos.

Segundo a arquitecta Ana Pinho (n.d.), reforçando a ideia anterior, “[...] a reabilitação urbana é actualmente um tema incontrolável quer se fale de conservação e defesa do património, de desenvolvimento sustentado, de ordenamento do território, de qualificação ambiental ou de coesão social. É cada vez mais um instrumento-chave para a qualificação e o desenvolvimento dos territórios construídos”¹⁴.

Um factor que contribuiu também para o elevado estado de degradação dos imóveis, foi o pensamento generalizado por parte da população, que apenas associa o que é novo à evolução, descurando assim tudo o que é antigo por considerar um obstáculo ao progresso.

¹³ Leon Alberti, Arquitecto e escultor italiano nascido em Génova. Foi um dos teorizadores estéticos do Renascimento e um humanista. Autor de tratados sobre escultura, pintura e arquitectura. In Infopédia. Porto: Porto Editora, 2003-2013

¹⁴ Ana Pinho in *Conceitos e Políticas Europeias de Reabilitação Urbana - Análise da experiência portuguesa dos Gabinetes Técnicos Locais*. Vol. I. Lisboa, 2009, p.57

Por outro lado, os edifícios que tiveram grande impacto na vivência de um espaço e na sua história, na altura da sua construção e que ainda na actualidade marcam o local, causam o descontentamento da população. É este sentimento que os habitantes de Mangualde nutrem relativamente ao Cine-Teatro da cidade, pois é um imóvel que marcou cultural, social e historicamente a região, e que se encontra hoje abandonado e num elevado estado de degradação.

Os Cine-Teatros, construídos ou adaptados para tais funções, um pouco por todo o território de Portugal, tiveram, e ainda têm, uma enorme importância, enquanto património arquitectónico e cultural.

3.2 Os cinemas

O Cinema aparece no final do século XIX, provocando inúmeras alterações nos hábitos de entretenimento da sociedade. Inicialmente o cinema, ainda apresentado sob a designação de *animatógrafo*, teve grande aceitação popular, adaptando-se a locais onde havia grande concentração de pessoas, como esplanadas, feiras, circos e restantes salas de espectáculo.

A primeira apresentação em Portugal acontece no ano de 1896 no *Real Coliseu* da Rua de Palma. Era um espaço multifuncional, dotado de pouco conforto e visto como um barracão sem qualquer preocupação espacial. A partir dessa data, a exibição de filmes acontecia de uma forma mais ou menos constante, mas sempre inserido em programas de circo ou variedades acrobáticas e musicais, muitas vezes vistas durante os intervalos desses mesmos espectáculos.



Fig. 1 - Fachada do Real Coliseu, (n.d.)



Fig. 2 - Palco do Real Coliseu, (n.d.)

O cinema era então, até a primeira década do século XX, visto como um espectáculo de feira, com preços bastante económicos, funcionando em armazéns, circos, em pequenos salões ou em espaços improvisados nas feiras dos bairros e da periferia das cidades. Nas outras cidades e vilas do país era visto como um espectáculo itinerante, que se estabelecia em espaços próprios ou adaptados, por um determinado tempo¹⁵.

Portanto, nesta altura, não havia grande preocupação com o espaço no qual se fazia a projecção dos filmes, comumente feita em barracões de madeira e tendas, espaços por vezes pouco confortáveis.

Com o passar do tempo o cinema foi ganhando cada vez mais importância como actividade cultural e de lazer, atraindo maior número de espectadores. Este facto deve-se também à evolução dos filmes, que deixam de ser apenas as curtas metragens temáticas que marcaram o surgimento do animatógrafo e passam a ser filmes que contam histórias, com enredo próprio e principalmente devido ao aparecimento do cinema sonoro e à chegada das grandes produções europeias e americanas.

Posto isto, houve a necessidade de ter espaços especializados para a projecção de filmes. Começou-se então a adaptar esses espaços culturais, especialmente os teatros, apesar dos custos elevados que comportava para os proprietários e exploradores das salas. Medidas impostas pela exigência do público e também por regulamentos e normas que começam a surgir em 1913, referentes à segurança dos estabelecimentos cinematográficos, às instalações eléctricas e às medidas preventivas de incêndio, pois as cabines de projecção eram locais com grande risco, devido à inflamabilidade das películas à base de nitrato. A partir deste ano, para se obter a licença de exploração, passa a ser obrigatório responder a todas essas condições, alterando assim o espaço.

A primeira sala concebida para a exibição cinematográfica foi o *Salão Ideal*, em 1904, num local abandonado na Rua do Loreto, na capital, porém com pouco significado no ponto de vista arquitectónico ou espacial. Era apenas um recinto com cadeiras voltadas para um écran, ao qual se opunha a máquina de projecção. No final dessa década já se contabilizavam em Lisboa vinte e um estabelecimentos construídos para o efeito à semelhança do anterior, pequenas salas localizadas em pontos estratégicos, com maior movimento e tradição nocturna.

Em 1907 abre o *Animatógrafo do Rossio* e em 1908 aparece o que é considerado o primeiro edifício com especificidade estrutural dedicado ao programa, o *Chiado Terrasse*, ambos em Lisboa. No Porto surge em 1907 o *Salão Pathé*, um ano depois o *Salão Jardim Passos Manuel* e em 1912 o *Salão Olímpya*. Estes edifícios seguiam os modelos dos teatros, introduzindo nas

¹⁵ Susana Silva in *Arquitectura de Cine-Teatros: evolução e registo (1927-1959)*. Coimbra, 2010, p. 23

salas de planta rectangular, os balcões e a separação dos lugares, obedecendo aos regulamentos então implementados.

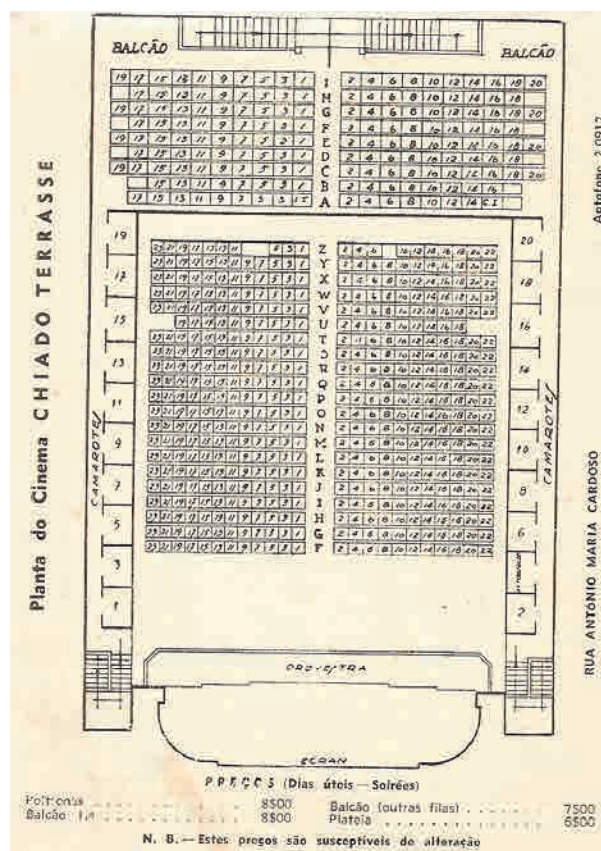


Fig. 3 - Planta do Cinema Chiado Terasse, (n.d.)

O primeiro filme sonoro é exibido em Portugal, num pequeno cinema de Lisboa, o Royal Cine em 1930. Logo um ano depois, no São Luís, dá-se a estreia do primeiro filme sonoro português, um sucesso de larga escala, estando em cartaz mais de seis meses e visto por 200 mil espectadores.

Ainda nesta década, em 1924, é inaugurado o grande e luxuoso Cinema Tivoli, construído de raiz em Lisboa e direccionado para a alta burguesia, com capacidade de 1140 lugares, que, posteriormente, sofreu alterações impostas por novos regulamentos.

Com as salas de cinema transformadas em novos locais de encontro e lazer, com grande importância social, praticamente todas as salas de teatro existentes se adaptam para a projecção de filmes, não só nas duas grandes cidades, Porto e Lisboa, mas também noutras cidades e capitais de distrito.



Fig. 4 - Interior do Cinema Tivoli, (n.d.)



Fig. 5 - Exterior do Cinema Tivoli, (n.d.)

A construção dos Cine-Teatros entra no período de vigência do Estado Novo. Este regime político instituído sob a direcção de António de Oliveira Salazar (1889 - 1970), por isso também conhecido por Salazarismo, buscava a afirmação de um Estado baseado nos ideais da Nação, e que defendia fundamentalmente a ordem, a tradição e o nacionalismo, a unidade nacional e o papel do líder. Vigorou em Portugal desde 1933 até 1974 sem interrupção, embora com alterações de forma e conteúdo. Era seu objectivo, estabelecer um discurso de ordem e nacionalismo utilizando a propaganda como meio de divulgação, “[...] a censura e o controlo dos meios de comunicação e da produção artística vão funcionar como instrumentos de promoção de um consenso em torno dos ideais do Estado”¹⁶.

Ainda em 1933 é criado o Secretariado de Propaganda Nacional (SPN) que assume um papel essencial da própria imagem do regime e consequente representação ideológica a transmitir. Tinha, ainda, como objectivo assegurar a transmissão de informação interna e de apoiar todas as manifestações culturais, populares e educativas, desde que estas desenvolvessem uma cultura dita nacional, uma imagem de Portugal. Para isso, com a finalidade de fazer chegar a mensagem ao máximo número de pessoas, são utilizados, entre outros meios, o cinema para exibição da propaganda.

Como António Ferro (1895 - 1956), primeiro director do SPN, afirma “[...] a arte, a literatura e a ciência constituem grande fachada duma nacionalidade, o que se vê lá fora”¹⁷. Apoiou e protegeu os contributos das vanguardas artísticas e das novas gerações, com encomendas directas e a criação das Exposições de Arte Moderna, influenciando nas áreas de radiodifusão, teatro, cinema, dança, jornalismo, turismo e actividades culturais em geral.

¹⁶ Susana Silva in *Arquitectura de Cine-Teatros: evolução e registo (1927-1959)*, Coimbra, 2010, p. 31

¹⁷ António Ferro cit. por Fernando Rosas in *Portugal e o Estado Novo (1930-1960). As grandes linhas da evolução institucional*. Lisboa, 1992, p. 141

A imagem reconhecível que queria fazer passar de Portugal, devia, por um lado, ser ruralista, popular e tradicionalista, realçando as noções de autoridade, pátria, história, família, trabalho e religião e, por outro lado, de estado dinâmico, moderno e regenerador¹⁸.



Fig. 6 - SNP, Comícios Anti-Comunistas, (n.d.)

O Estado Novo também influenciou a arquitectura portuguesa, podendo-se denominar de “arquitectura nacional”, sustentada no ideal artístico e político também defendido por António Ferro, na vontade de Salazar e na capacidade de realização de Duarte Pacheco (1900 - 1943). Toda esta arquitectura seguiu as tecnologias da arquitectura moderna, que submeteu às doutrinas e símbolos historicistas, classicizantes e regionalistas do regime. São características desta arquitectura nacionalista: a exigência de um estilo único, de tipologias próprias e modelos oficiais para a generalidade das construções públicas e até privadas; a elaboração de projectos de equipamento social, com sentido de propaganda e funcionalidade, desde escolas, estradas, pontes, hospitais, estações de correios, bairros económicos, etc.; as formas monumentais, simétricas, austeras, estáticas, de grande verticalidade, com um vocabulário neoclássico e recurso ao uso de granitos e mármore para demonstrar a força do regime; as marcas de revivalismo historicista, como o domínio da arquitectura manuelina, joanina e pombalina para garantir a autenticidade da arquitectura (especialmente em liceus, prédios urbanos, igrejas, etc.); as fachadas decoradas com linhas Art Déco, com baixos-relevos dispostos no plano central da fachada e em painéis, segundo o gosto modernista, mas com alegorias ao trabalho, ao progresso e à ordem (sobretudo nas fábricas); pouca atenção e dedicação à composição do espaço interno¹⁹.

Em 1948, com o fim da Segunda Grande Guerra Mundial e a derrota dos fascismos internacionais, realiza-se o 1º Congresso Nacional dos Arquitectos, começando uma

¹⁸ Susana Silva in *Arquitectura de Cine-Teatros: evolução e registo (1927-1959)*. Coimbra, 2010, p. 35

¹⁹ Ana Pinto & Fernanda Meireles & Manuela Cambotas in *História da Cultura e das Artes - 12ºAno. 3ª Parte*. Porto: 2006, pp. 115-116

contestação ao regime e luta pela reconquista da liberdade de expressão dos arquitectos, na busca de uma linguagem simples, inspirada na tradição popular, mas também funcional. Quem lidera esta luta é Francisco Keil do Amaral (1910 - 1975) autor do projecto do edifício em causa neste trabalho, o Cine-Teatro de Mangualde. Defendeu a aplicação de uma estética ruralista ajustada à escala dos locais, volumetria baixa, que fosse teoricamente racional e formalmente tradicional. Segundo o mesmo arquitecto, "Para que a Arquitectura possa encontrar livres os caminhos da sua perfeita expansão e servir (servir no sentido mais elevado da palavra) a Humanidade, é necessário que os homens não lhe criem entraves"²⁰.

Keil do Amaral foi autor de inúmeras obras como o Pavilhão de Portugal da Exposição Mundial de Paris, 1937, Aeroporto de Lisboa, 1943, do Aeroporto de Luanda, 1950, do Pavilhão da Feira internacional de Lisboa, 1956, de espaços verdes como o Parque de Monsanto, 1946-49, e o Parque Eduardo VII, 1948, de vários planos urbanísticos, e de bastantes obras na Beira, onde viveu alguns anos da sua infância. A sua primeira obra, o Instituto Pasteur (1933-35), no Porto, revela as tendências funcionalistas e o carácter purista, trabalhando a fachada do estreito lote, com largos envidraçados modernos, gráfica e asbtractamente compostos.



Fig. 7 - Desenho da Fachada do Instituto Pasteur, Keil do Amaral, 1934

²⁰ Francisco Keil do Amaral in *A Arquitectura e a Vida*. Lisboa, 1942.

A sua obra reflecte uma linguagem simples, equilibrada, inspirada no Neo-Realismo português, com um sentido programático e racionalista, conjugando genuinidade com modernidade.

3.3 O Cine-Teatro de Mangualde

Em 1947-48, Francisco Keil do Amaral projecta então o Cine-Teatro de Mangualde. Nas décadas de 40 e 50, Mangualde era uma vila em ebulição, com edifícios de carácter marcante, desde arquitectura religiosa, como a *Igreja da Misericórdia* (século XVII), arquitectura civil, como a residência nobre *Palácio dos Condes de Anadia* (século XVIII) e também militar, sendo exemplo desta a *Torre do Relógio Velho* (século XVI). Nesta altura a localidade enriquecia, formando-se também culturalmente, advindo daí a necessidade de dotar a população com um espaço construído para espectáculos, iniciando-se então a longa caminhada para a construção do Cine-Teatro.

É precisamente no ano de 1943, que surge a primeira intenção para que se projectasse uma casa de espectáculos, idealizada por António Rodrigues Albuquerque, importante empresário e habitante da vila na época, tendo tentado adquirir mesmo o terreno para a construção, com o auxílio da Câmara Municipal. Contudo, o projecto não prosseguiu, ficando-se pela intenção.

Passado um ano, a 4 de Maio, é enviado o primeiro ofício ao Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo e à Inspeção dos Espectáculos a requerer a construção de um edifício para o efeito, onde se podia ler "*Em Mangualde não existe nenhuma casa de espectáculos [...]*"²¹.

Um grupo de pessoas da Vila viriam a construir uma sociedade por cotas, com capital de trezentos mil escudos (na moeda actual, cerca de mil e quinhentos euros), denominada de *Empresa Cine-Teatro de Mangualde*, com o fim de construir e explorar o espaço. Resultando num processo muito disputado, com vários interessados, é constituído como promotor efectivo da construção um benemérito e fundador dos Bombeiros Voluntários de Mangualde.

A escolha para a autoria do projecto de arquitectura recaí sobre Keil do Amaral, certamente por este já ter provas dadas na região, tendo já alguma visibilidade. A memória descritiva do Anteprojecto dá entrada na Inspeção dos espectáculos a 25 de Junho de 1947. O arquitecto descreve de forma objectiva, a articulação e funcionalidade do projecto, resolvendo também os problemas de acessos ao lote, pois a única via confrontante ao espaço era a Estrada Nacional 329. Citando o que declara Keil do Amaral na Memória descritiva, "[...] Quanto ao aspecto exterior e interior procurar-se-á conseguir que esta casa de espectáculos, sem luxos

²¹ Documento ao abrigo do IGAC, Processo Nº 18.06.01, 1º Vol. - Cine-Teatro de Mangualde

desnecessários e despropositados, antes com grande sobriedade, seja atraente e digna da vila onde vai ser construída”²².

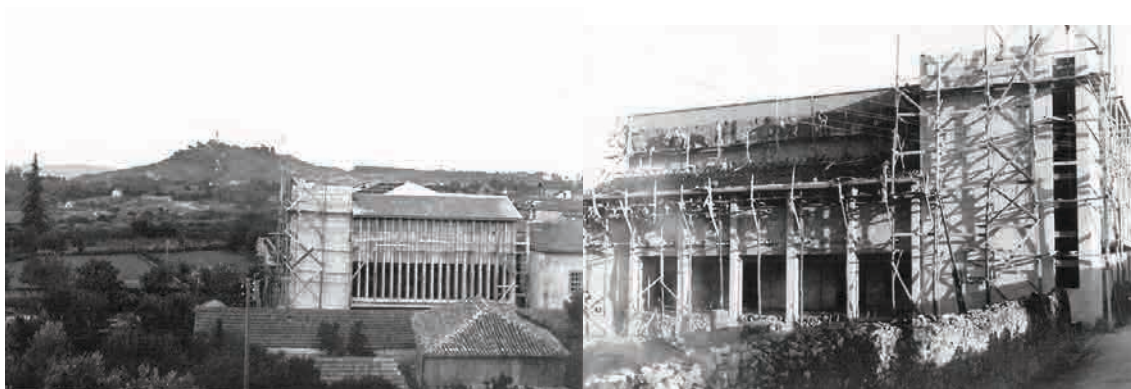


Fig. 8 - Fotografias da construção do Cine-Teatro de Mangualde (n.d.)

Projecta assim um edifício sóbrio, despoído de ornamentos ou artefactos que pudessem ser mal interpretados e encarecer um trabalho que se queria rigoroso e com eficiência espacial e económica. Resulta num traçado simples, moderado por um jogo de volumes rectos, prudentemente articulados com genuinidade²³.

A construção deverá ter ficado concluída em 1950, sendo inaugurado a 9 de Abril do mesmo ano, com a peça teatral *O Domador de Sogras*, tornando-se sem dúvida, uma importante sala de espectáculos daquela região, que faz parte da memória de variadas gerações, que neste espaço presenciaram a exibição de filmes, peças de teatro e muitos outros espéctáculos ao longo de trinta e quatro anos, enriquecendo culturalmente a população de Mangualde e arredores.

O sucesso desta sala fica assim comprovado com a presença de grandes nomes do panorama cultural da época, alterando aspectos da dinâmica da Vila, aparecendo associações recreativas, alterando a vida social das pessoas e até mesmo incrementando o comércio, devido ao fluxo de frequentadores do Cine-Teatro, da localidade e de fora.

Logo por volta de 1958 aparecem as primeiras queixas relativas às condições gerais e de higiene do imóvel, anos mais tarde avisos também dos Bombeiros de Mangualde, contudo sempre ignorados. O edifício vai-se desgastando pelo tempo, e quando a cobertura já mostrava elevados riscos, surge um ofício da Câmara Municipal, a 20 de Junho de 1984, que decreta o seu encerramento, tendo fechado portas após a exibição do filme *Perigoso no Espaço*, a 21 de Julho.

²² Excerto da Memória descritiva assinada por Keil do Amaral. Documento ao abrigo do IGAC, Processo Nº 18.06.01, 1º Vol. - Cine-Teatro de Mangualde

²³ José Bandeirinha in Keil do Amaral, *Obras de Arquitectura na Beira - Regionalismo e Modernidade*. Lisboa, 2010, p. 53



Fig. 9 - Fotografias do Cine-Teatro de Mangualde, 2011

O tempo foi passando e o Cine-Teatro encontrava-se cada vez mais deteriorado e a precisar de intervenção, com custos elevados, sendo um factor decisivo no abandono do edifício. A então empresa proprietária do imóvel, a *Lusomundo*, pede apoio à Câmara Municipal para que se façam as obras exigidas de maneira a reparar as anomalias existentes e o conserto urgente do tecto de maneira a serem garantidas as questões de segurança. Mas a entidade pública, por achar que o Cine-Teatro é propriedade particular, não tendo qualquer benefício com o apoio das obras, dá o pedido como indeferido, o que se veio a provar que foi um erro.

Com o aparecimento de outras salas na região, o interesse foi-se descurando e em 1987 a *Lusomundo* apresenta um anteprojecto à Câmara Municipal, para construir naquele espaço um moderno bloco de escritórios, com um espaço no rés-do-chão para cinema, com capacidade de 270 lugares. O projecto arrasava com a obra de Keil do Amaral. Todavia a Câmara deu o seu aval, desde que na fachada se utilizasse o mais possível o granito, aproveitando a cantaria existente. Talvez por essa imposição, felizmente, o projecto não avançou.

Na década de noventa, a *Lusomundo* coloca o edifício à venda e a *Igreja Universal do Reino de Deus* mostra interesse em adquiri-lo, à semelhança do que aconteceu com o Cine-Teatro Império de Lisboa e o Coliseu do Porto.

Para impedir a venda, um empresário industrial da cidade compra a antiga casa de espectáculos, para que mais tarde e, quando possível, a Câmara a adquirisse. Para a compra, o empresário recorre ao financiamento pela banca, mas a sua vida profissional sofre uma reviravolta, entrando em incumprimento com as entidades bancárias, ficando o imóvel hipotecado.

Com tantos impasses, contratempos e descuro, em 1993 parte do telhado cede. Actualmente o edifício encontra-se num estado de deterioração muito elevado, totalmente abandonado, desprotegido, tendo a cobertura sobre a plateia ruído na totalidade.

A lamentável situação em que se encontra o imóvel é incompreendida pela população em geral e o interesse pela sua recuperação reside em pontos como: o autor da obra, dada a importância que Keil do Amaral teve no contexto da Arquitectura no Séc. XX; a dinâmica urbana que pode despoletar, entre factores como a economia, a sociedade e a cultura; carga histórica e o impacto que teve em Mangualde; entre outros.

3.4 A cidade de Mangualde

A história de Mangualde, data desde a pré-história, pois , devido à sua posição geográfica, foi sendo ocupada natural e constantemente pelas várias civilizações, deixando marcas como: Dólmenes, Castros, vilas romanas destapadas com as escavações arqueológicas, com destaque para o Monte da Senhora do Castelo, onde teria existido primeiro um castro e seguidamente uma fortaleza romana. De entre as várias obras, destaca-se também a *Anta da Cunha Baixa*, que data de 3250 a 2750 A.C. e que marca fortemente a imagem do concelho; já da ocupação romana, destaca-se, entre os vários vestígios, desde modestos casais a aglomerados mais densos, a *Citânia da Raposeira*, constituída por um variado conjunto de estruturas habitacionais, que se pensa ser um núcleo agrário.



Fig. 10 - Anta da Cunha Baixa, Mangualde (n.d.)

Os romanos eram atraídos pelas inúmeras riquezas naturais, fundamentalmente da exploração mineira, de Portugal e Espanha, começando a sua ocupação progressiva nos finais do séc. XI a.C., que duraria até ao séc. V. Nesta data, a Europa Ocidental é devastada por invasões bárbaras, assim como mais tarde com a invasão dos muçulmanos. Estes teriam tomado o monte e o castelo, cujo alcaide teria sido um mouro, de nome Zurara, passando então a fortaleza a denominar-se *Castelo de Zurara* ou *Azurara*, dando origem ao antigo nome da cidade, *Azurara da Beira*. Este castelo é conquistado definitivamente em 1058, por Fernando Magno (1016 - 1065), rei de Leão.



Fig. 11 - Monte e Santuário da Nossa Senhora do Castelo, (n.d.)

Na idade média, a vila nasceu à volta de dois bairros primitivos, o primeiro com o nome de *Cabo da Vila* e o segundo, *Rossio* que surge posteriormente, pela necessidade de novas construções devido ao desenvolvimento da população. No decorrer do século passado, os dois bairros acabaram por se unir, destacando-se o *Rossio*, onde se instalaram as repartições públicas, os bancos, comércios, cafés, etc., ou seja, era onde estava concentrada a vida social e económica da população.

Mangualde recebe em 1102, o primeiro foral, mesmo antes da formação de Portugal, pelos condes portugalenses, D Henrique e D. Teresa, sendo depois mais tarde em 1217 e 1514 confirmado, por D. Afonso II e D. Manuel respectivamente. Foi vila desde 1218 e ganha a categoria de cidade a 3 de Julho de 1986.



Fig. 12 - Fotografia antiga do Bairro do Rossio (n.d)



Fig. 13 - Fotografia antiga do Bairro Cabo da Vila (n.d.)

Mangualde é então uma cidade do distrito de Viseu, localizada na Beira interior. Contabiliza um total de 18 freguesias, numa área de 220,72 km² e com 19 880 habitantes divididos por 7 671 famílias.²⁴ Assenta num planalto que se inclina para Sul, bastante fértil, a 545 metros de altitude, entre o Rio Dão e o Rio Mondego.

Localiza-se a cerca de 15 km de Viseu, 100 km de Espanha, Coimbra e Aveiro, a 140 km do Porto e 300 km de Lisboa e servida por vias automóveis como a A25, o IP3 e também pela linha de caminhos de ferro.

Entre inúmeras obras de interesse arquitectónico temos a Igreja Matriz, do século XII, a Igreja da Misericórdia, do século XVIII, a Casa ou Palácio de Anadia, do século XVII, Real Mosteiro de Maceira Dão, iniciado no século XII, e o Santuário de Nossa Senhora do Castelo, construído depois da demolição do Castelo, situado a 627 metros de altura, estrategicamente virado para toda a cidade.

3.5 Dados demográficos

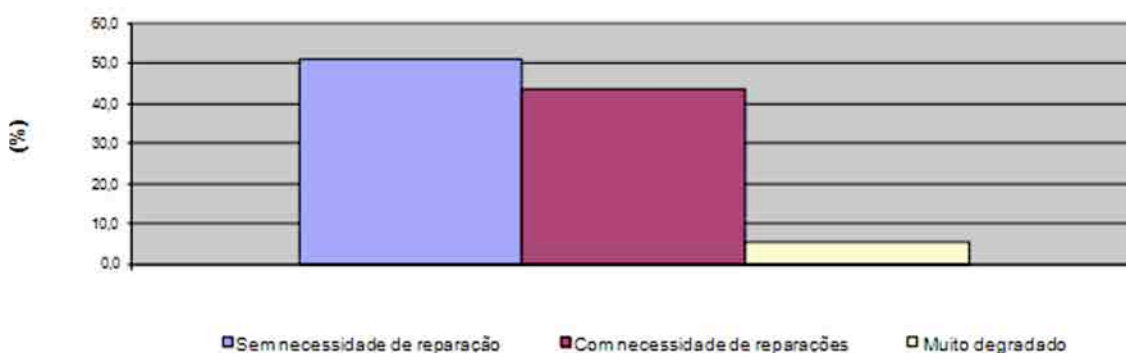
De acordo com os Censos de 2011, de uma forma mais lata, podemos verificar que a população, em relação à década anterior, teve um decréscimo de 5,4%, registando actualmente 9 559 homens e 10 321 mulheres, num total de 19 880 pessoas. No entanto o número de famílias aumentou 6,06 pontos percentuais, para 7 689, assim como se verificou um incremento de 17,3% de edifícios e um crescimento respectivo de 16,6% de alojamentos.

O envelhecimento progressivo da população do concelho é uma realidade, assim como no resto do território nacional, sendo que a população entre os 15-64 anos está a diminuir, aumentando a população com mais de 65 anos o que faz com que o índice de envelhecimento seja mais de duas vezes superior ao índice de juventude.

²⁴ Resultados dos Censos de 2011, Instituto Nacional de Estatística

Relativamente à educação, o ensino que predomina no concelho é o 1º ciclo do ensino básico seguindo do 3º e 2º ciclo. Cerca de 21 % da população em 2011 não tinha qualquer nível de ensino. Em questão de trabalho, da população activa, têm-se registado um aumento nos sectores secundário e terciário e diminuição no sector primário, estando esta última com mão-de-obra envelhecida e fraca escolarização dos produtores.

No que diz respeito ao edificado, a tipologia dominante são os edifícios de dois pisos, com 60,4 pontos percentuais, e com apenas um piso, de 23,1 pontos percentuais, ou seja os edifícios de um e dois pisos são densamente predominantes. De todo o parque construídos constata-se que 41,7% dos imóveis necessitam de reparações, dos quais 4,3% encontram-se muito degradados. No concelho, são os alojamentos familiares clássicos que imperam, com 99,6% contra os não clássicos com 0,3% e 0,1% para os alojamentos colectivos, dos quais apenas 4 são hotéis ou similares, num leque de 11 275 edifícios²⁵.



Gráf. 1 . Estado de conservação dos edifícios concelhios, INE

3.6 As Pousadas

Numa altura em que o país atravessa uma crise económica e social a aposta passa também pelo investimento turístico, num país com alargado património de interesse cultural, natural e histórico, que apesar de pequeno apresenta uma grande versatilidade de oferta.

Um pouco por todo país, podemos observar a recuperação de imóveis para este fim, num total já de trinta e quatro pousadas, com maior incidência no Norte e Alentejo. Estas pousadas, denominadas *Pousadas de Portugal* dividem-se em quatro grupos: Históricas, situadas em monumentos históricos, inseridas no local original, preservando ainda pedaços intactos da história; Natureza, localizadas habitualmente no meio natural de uma região, em amplos espaços ao ar livre, proporcionando contactos com a cultura local num cenário natural; Históricas Design, em imóveis restaurados, mantendo e recuperando aspectos históricos do

²⁵ Dados dos Censos de 2001, Instituto Nacional de Estatística

seu tempo; Charme, localizadas em edifícios que se integram com a arquitectura local, respeitando a traça do folclore e da cultura da época²⁶.

Como exemplos destas pousadas temos: *Pousada do Porto*, no Palácio do Freixo (histórica), construído em 1742, inaugurado como Pousada em 2009; *Pousada de Manteigas*, São Lourenço (natural), localizada no Parque Natural da Serra da Estrela; *Pousada de Faro*, Palácio de Estoi (histórico design), inaugurado em 1909; *Pousada de Viseu* (charme), surge da recuperação do antigo hospital da cidade, datado de 1842, inaugurado como pousada em 2009.



Fig. 14 - Pousada de Manteigas, (n.d.)



Fig. 15 - Pousada do Freixo, Porto, (n.d.)



Fig. 16 - Pousada de Viseu, (n.d.)



Fig. 17 - Pousada de Faro, (n.d.)

²⁶ Sítio das "Pousadas de Portugal" - <http://www.pousadas.pt/> , consultado em 2013-04-11

4. Casos de estudo

A opção pelo estudo destas Pousadas em particular, passa primordialmente pelo facto de todas serem adaptações de edifícios preexistentes e pela preservação da identidade e história de cada imóvel, à semelhança do que se pretende com este projecto, assim como por serem edifícios de referência no que diz respeito à reconversão.

O primeiro caso de estudo, a Pousada de Santa Marinha da Costa, do arquitecto Fernando Távora, surge porque, apesar da adição de um novo volume, manteve todo o protagonismo da construção preexistente, preservando e conservando as suas características mais expressivas.

No que diz respeito à Pousada de Santa Maria do Bouro, do arquitecto Eduardo Souto Moura, a escolha recai devido, à semelhança deste projecto, a reconversão partir de um edifício em ruínas, tentando manter a imagem que apresentava nos últimos anos.

Por último, escolhemos a Pousada da Flor da Rosa, do arquitecto Carrilho da Graça por ser um projecto em que o arquitecto, com a construção de um novo volume, pretendeu criar um contraste com o existente, através da cor e dos materiais, não retirando protagonismo ao antigo objecto.

4.1 Pousada de Santa Marinha da Costa, Guimarães

Situado na encosta do monte da Penha na Serra de Santa Catarina, um pouco mais a Este da cidade de Guimarães, encontra-se o Mosteiro de Santa Marinha da Costa, abrangido por um vasto parque arborizado.



Fig. 18 - Vista geral da Pousada, 1999

Este mosteiro à semelhança da cidade de Guimarães, que hoje é vista como uma das mais importantes cidades históricas do país, com o seu centro histórico reconhecido mundialmente e classificado como Património Mundial da Humanidade, acumula séculos de história. Para além dos sinais de ocupação por parte da civilização romana, este terá sido também um templo suevo-visigótico nos séculos VI e VII, no local onde actualmente se encontra o claustro do mosteiro. Nos finais do século IX o antigo templo é reconstruído sendo consagrada em 889, a Igreja de Santa Marinha da Costa, que viria a ser uma componente do Mosteiro da Costa aquando da sua constituição em 1154. Com o decorrer do tempo o mosteiro foi tendo diferentes funções desde sede do Condado Portucalense, colégio, centro de estudos e até polo de ensino universitário, levando a alterações na sua forma inicial. Em 1936 a igreja e respectiva escadaria foram classificados como Imóvel de Interesse Público.

No final do séc. XVI deflagra um grande incêndio no mosteiro, devastando, entre outras áreas, o claustro românico, que viria a ser reconstruído conforme os moldes clássicos. Assim, durante todo o século XVII, o mosteiro foi sendo lentamente reconstruído, sofrendo importantes obras estruturais e decorativas.

Em meados do mesmo século a capela-mor foi ampliada e iniciou-se a construção, a Este, da grande ala. Esta ala, abrangendo os dormitórios, foi rematada em 1682, pela Varanda de Frei Jerónimo. Em termos decorativos aplicaram-se painéis de azulejos em todo o conjunto: na Igreja, na sacristia, no claustro, no novo dormitório, na Sala do Capítulo e na Varanda de Frei Jerónimo. Em 1731 ocorreu a ampliação do corpo Oeste e entre 1775/78, a construção das torres sineiras.

O Mosteiro foi abandonado em 1834 aquando da extinção das ordens religiosas, tornando-se a igreja destinada ao uso paroquial e, tanto o mosteiro como a cerca foram colocados à venda em hasta pública, sendo adquiridos por um proprietário privado. Desde então, a propriedade passou de família em família até que, no ano de 1932, fica a cargo da Companhia de Jesus, com a pretensão de instalar no mosteiro os seus estudos filosóficos.

Durante este período o mosteiro foi alvo de muitas transformações por parte dos seus proprietários, destacando-se os casos do alargamento da ala Sul do claustro e da ala a Oeste.

Em 1951 deflagrou outro grande incêndio que acabou por destruir a ala dos dormitórios, incluindo o seu recheio e os azulejos, deixando o Mosteiro em elevado estado de degradação e posterior abandono.

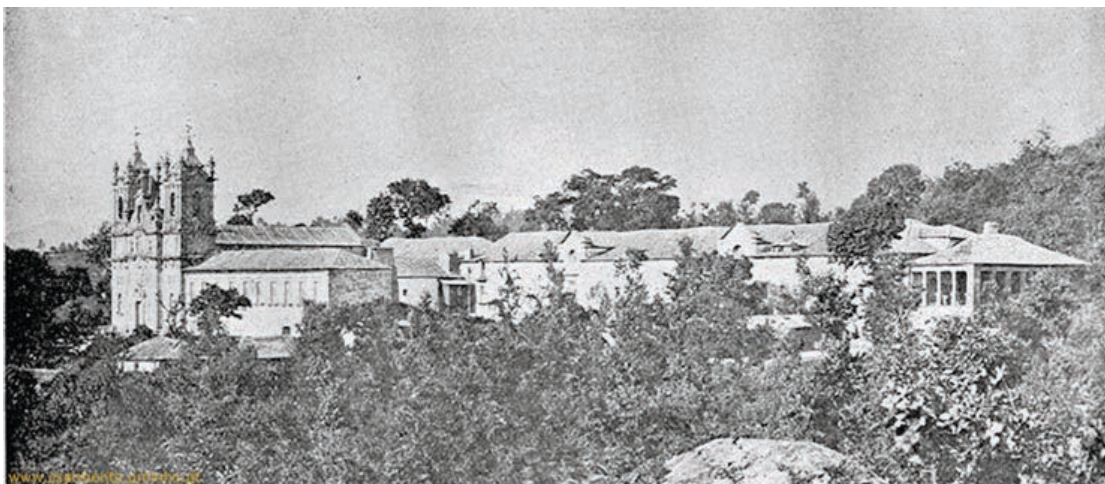


Fig. 19 - O mosteiro da Costa, 1928

Em 1971 o imóvel, assim como as antigas dependências monacais e a cerca, foram colocados à venda, solicitando-se uma avaliação do conjunto ao arquitecto Fernando Távora (1923-2005), onde se podia ler “[...] o Mosteiro da Costa vale muito e vale pouco”. Segundo ele, o valor vem de toda a sua história, pela qualidade dos trabalhos que possuía, pelo jardim e pela beleza espacial e arquitectónica, com destaque para o claustro, e para a Varanda de Frei Jerónimo, pela riqueza dos azulejos e pela potencialidade urbana do espaço onde se implanta. O valor negativo advinha do custo que representava a sua recuperação, não deixando de parte o restauro e conservação dos jardins.



Fig. 20 - Chafariz e varanda de Frei Jerónimo, (n.d.)

Posto isto, apesar de já apresentar um considerável estado de degradação e ruína, o Estado adquire o Mosteiro em 1972, encarregando o arquitecto Fernando Távora do projecto de arquitectura para adaptação a pousada.

O projecto visaria trabalhar o imóvel de duas maneiras distintas, pois existiam partes como o clausto, a entrada e escadaria principal, a sala do capítulo e a Varanda de Frei Jerónimo que se apresentavam intactos, enquanto que a ala das antigas celas se encontrava totalmente danificada devido ao incêndio. Os outros espaços estavam levemente alterados devido ao facto do mosteiro ter funcionado como habitação particular.

Num primeiro momento o projecto pretendia restringir-se apenas ao aproveitamento do volume construído, sendo por isso o seu propósito “[...] conseguir uma integração nas características singulares do imóvel classificado, respondendo à intenção de as preservar”²⁷, assegurando a conservação dos componentes dominantes do conjunto arquitectónico.

Ainda na fase de projecto, a Direcção Geral de Turismo propôs que se aumentasse o número de alojamentos previstos, com o intuito de rentabilizar o investimento efectuado para a pousada. Sugeriu que se construísse um novo piso de quartos sobre a ala dos antigos dormitórios, propondo, para tal, que se reduzisse o pé-direito que a galeria e as celas apresentavam. O arquitecto rejeitou a ideia, considerando que esta solução desvirtuava por completo a expressão arquitectónica que ele se propunha a manter, sendo substituída pela construção de uma nova ala de quartos que, essencialmente, vivesse em harmonia com o existente, não prejudicando a composição original.

Optou então por assumir para este novo bloco uma arquitectura contemporânea, criando um volume alongado, em forma de L, a uma cota inferior, que se desenvolve perpendicularmente à Igreja, formando um pátio rebaixado com a nova ala de quartos e, encaixando-se na topografia, de modo a não retirar o protagonismo à construção preexistente.

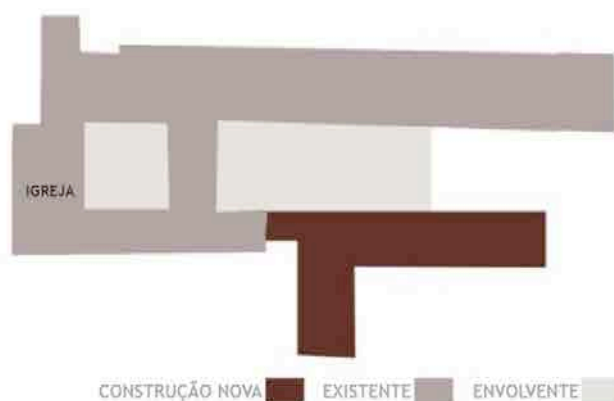


Fig. 21 - Esquema espacial da Pousada, 2011

²⁷ Mariana Brandão in *Pousadas de Portugal: três estudos de caso: Pousada de D. Diniz, Santa Marinha da Costa e Santa Maria do Bouro*. Porto, 2001, p. 34

As directizes da *Carta de Veneza* de 1964 influem no projecto da pousada na medida em que Távora compreende a história do edifício como parte integrante, assumindo cada uma das fases de construção.

Na base desta intervenção era notório o desejo de contribuir para o prosseguimento da vida já longa do velho edifício, conservando e reafirmando as suas características mais significativas ou criando espaços resultantes das novas exigências programáticas.

O novo corpo do mosteiro, de fachadas encarnadas regularmente aberto com vãos envidraçados, foram para o arquitecto, como uma continuação do conjunto preexistente “[...]na certeza de que outros séculos virão e com eles outras transformações[...]”²⁸.



Fig. 22 - Fachada lateral, do novo volume, 1993

A execução do projecto, com início em Junho de 1979, dividiu-se em duas fases distintas: a primeira relativa à recuperação do antigo convento, incluindo o antigo corpo das celas, o corpo principal da portaria e as zonas envolventes do claustro; a segunda fase englobava a construção do novo volume, contendo dois pisos de quartos, um piso de garagens, assim como dois pisos subterrâneos com cozinhas, anexos e lavandarias.

Em todo o edifício podemos vislumbrar a austeridade monástica, através da simplicidade das soluções adoptadas, quer em termos dos espaços, quer em termos da decoração e mobiliário.

A planta é constituída por uma igreja longitudinal, de nave única, integrando torres sineiras na fachada principal e com as antigas dependências monacais a Sul, com articulação de vários corpos, formando lateralmente à igreja um claustro, a partir do qual se desenvolve perpendicularmente o novo volume, disposto a cota inferior.

As coberturas da pousada são diferenciadas, com telhados em uma, duas e quatro águas, cúpulas bolbosas em granito e cobertura plana, funcionando como terraço no corpo recente.

²⁸ Fernando Távora cit. por Alexandre Alves Costa & Luís Trigueiros in *Fernando Távora*. Lisboa, 1993, p. 116

A entrada principal da Pousada faz-se pelo corpo do antigo convento, através de uma imponente escada de acesso, de onde se descortina o claustro, com as suas arcadas e paredes azulejadas.

A partir da recepção é possível aceder à sala de estar e, posteriormente, ao piso zero da antiga ala dos dormitórios, onde se encontra a sala de refeições, com capacidade para 176 pessoas, um salão de banquetes com 50 lugares e esplanada com 128 lugares.

Os quartos, num total de cinquenta e cinco, estão divididos em duas alas distintas: vinte e quatro, entre os quais duas suítes, localizam-se no piso superior, na imponente galeria que liga a sala do capítulo à varanda do Frei Jerónimo; os restantes trinta e um distribuem-se na ala nova, cujo acesso é realizado através da escadaria da recepção.

No exterior, o jardim de buxo e a mata foram recuperados e mantidos, enquanto que o espaço circundante e de acesso à pousada foi redesenhado, devido à construção do novo volume encarnado.

A pousada foi inaugurada a 2 de Agosto de 1985, sendo uma obra de referência da arquitectura portuguesa e um óptimo exemplar de recuperação de edifícios antigos, em elevado estado de degradação.

Como Fernando Távora refere, pretendia-se com esta intervenção um “[...] diálogo, afirmando mais as semelhanças e a continuidade do que cultivando a diferença e a ruptura. Tal diálogo constituiu mais um método por meio do qual se sintetizaram as duas vertentes complementares a considerar na recuperação de uma preexistência: o conhecimento rigoroso da sua evolução e dos seus valores, através da arqueologia e da história, e uma concepção criativa na avaliação desses valores e na elaboração do processo da sua transformação”²⁹.

Concluindo, com palavras do arquitecto Alexandre Alves Costa (1939), “[...] Távora não neutraliza a preexistência, pelo contrário, lê nela a história, os diferentes estilos e linguagens, tentando do melhor método possível clarificá-los. Para o futuro deixa também a noção de que a regra, cada um a deverá encontrar a partir do existente, caso a caso, com rigor e imaginação e legível em cada obra única e insubstituível”³⁰.

²⁹ Fernando Távora in *Pousada de Santa Marinha, Guimarães*, Boletim da DGEMN, nº 130. Lisboa, 1985, p. 77

³⁰ Alexandre Alves Costa in *Portugal: Arquitectura do Século XX. Pousada do Convento de Santa Marinha da Costa*. Lisboa, 1997, p. 276

4.2 Pousada de Santa Maria do Bouro, Amares

O Mosteiro de Santa Maria do Bouro está inserido numa paisagem natural, na pequena vila de Santa Maria do Bouro, pertencente ao município de Amares, em plena Serra do Gerês.



Fig. 23 - Fachada Sul da Pousada, 2006

Foi durante séculos morada da ordem de Cister, sendo hoje uma obra de referência de arquitectura, essencialmente no que diz respeito à reabilitação, com assinatura do arquitecto Eduardo Souto Moura. No entanto a história deste complexo conventual é bastante mais remota, apesar de não se conhecer com exactidão a data da sua origem.

Aquele local terá sido entregue a Frades Beneditinos por D. Afonso Henriques (1109-1185) em 1148. Foi nestes terrenos, que dois frades terão construído uma ermida dedicada a São Miguel, onde, segundo uma lenda, terão visto uma luz que lhes indicou o local onde estaria escondida uma imagem da Virgem Maria. Este acontecimento funcionou como atractivo de pessoas ao local, levando posteriormente à construção do santuário e do mosteiro.

Os vários blocos monacais desenvolviam-se lateralmente à igreja de três naves, tendo como referência o claustro central.

Com o fim das ordens religiosas masculinas, em 1834, o mosteiro foi abandonado vindo posteriormente a ser vendido em hasta pública a particulares, acabando por ser classificado como Imóvel de Interesse Público em 1958.

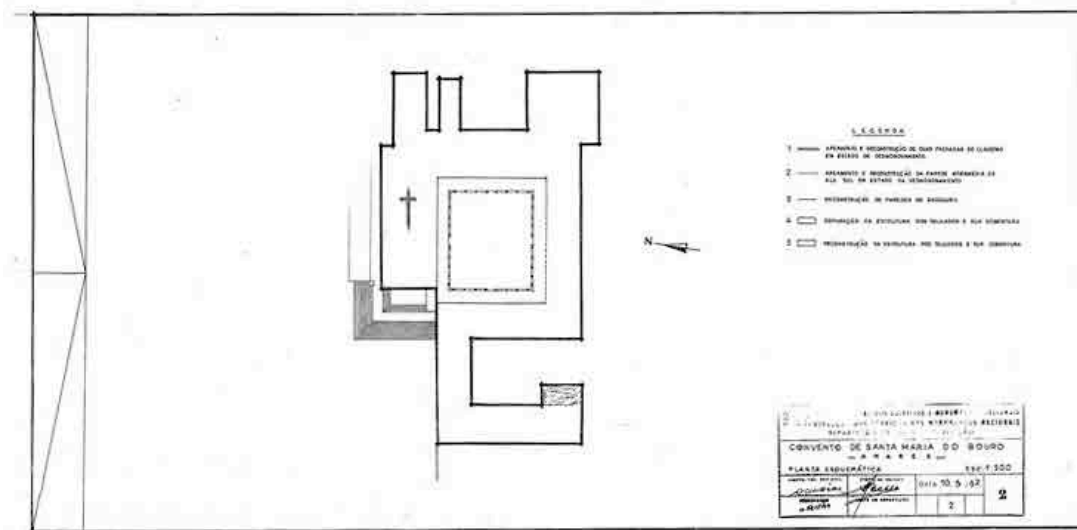


Fig. 24 - Desenho da implantação do mosteiro, 1962

Já no ano de 1986 a Câmara Municipal de Amares, adquire parte do mosteiro e, em 1989 é apresentado o projecto liderado por Eduardo Souto Moura (1952) com participação de Humberto Vieira (n.d.) para a adaptação das dependências do mosteiro para pousada, cujas obras se iniciaram em 1994. Em 1997 é realizada a sua inauguração.



Fig. 25 - Mosteiro de Santa Maria do Bouro, 1946

Este projecto não assenta apenas na reconstrução do edifício na sua forma original, até porque este se encontrava praticamente reduzido a escombros, levando então ao aproveitamento do que restava dele, as ruínas. Estas tomam mais importância que o próprio convento, rejeitando a sua consolidação pura e simples, optando por introduzir-se novos materiais, usos, formas e funções.

Souto Moura, realizou um meticuloso trabalho ao longo dos anos, estudou e reinterpretou as ruínas do antigo mosteiro para transformá-lo em Pousada. Através de uma linguagem simples, o arquitecto consegue uma intervenção silenciosa, de tal modo que é quase invisível, no sentido em que o mosteiro sempre pareceu ser deste modo.

Na fachada sul, o jardim e a piscina, e um volume muito longo que abriga os quartos dos funcionários, e a ala a Este em que o restaurante está inserido, são os mais recentes elementos da reconversão determinada pelas formas das próprias ruínas.

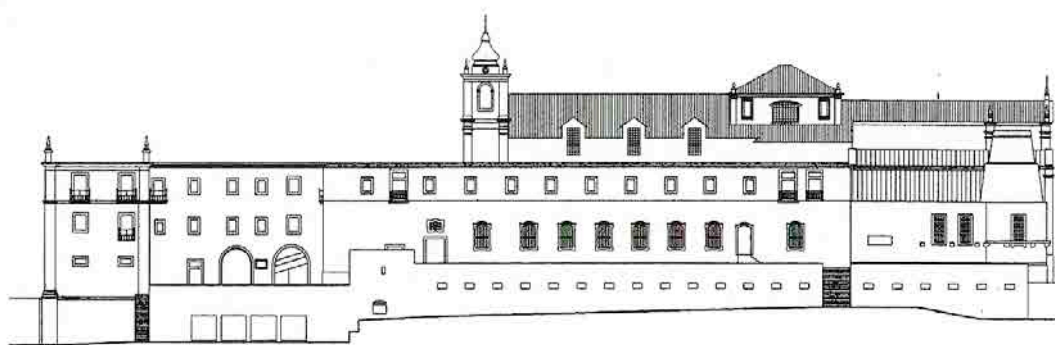


Fig. 26 - Fachada Sul da Pousada

No interior do edifício o espaço foi organizado de modo a torná-lo o mais transparente e manipulável possível. O arquiteto traz assim ampla iluminação a todos os cantos do antigo convento.

Tanto no desenho dos novos espaços como na consolidação dos existentes, um dos aspectos mais notáveis é a introdução de novos materiais e formas, que não pertencem à estrutura original do edifício.

A intenção foi manter a imagem natural que o edifício ostentava nos últimos anos. A cobertura da pousada é plana, sem qualquer telhado visível do exterior, tendo mesmo revestido a cobertura com terra para que crescessem plantas de modo a, para além de imitar as que antigamente se observavam nas ruínas, a passagem do tempo fosse marcada pelas estações do ano. As janelas e portas da fachada são fechadas apenas com vidro e com caixilharia quase imperceptível, reforçando a ideia de algo parado no tempo. No claustro, a noção de ruínas é extremamente sentido e vivido, pois foi mantido a céu aberto, sem inclusão de vidros de protecção e, mesmo as paredes em arcaria no piso térreo se separam das paredes do mosteiro para reforçar a ideia.



Fig. 27 - Vista geral Sul da Pousada, (n.d.)

A entrada no conjunto edificado é feita pela lateral, perante a paisagem de um pequeno pátio, para o qual se direccionam quase todos os quartos das alas que o contornam. No amplo espaço de entrada da pousada, antecedido por uma magnificente escadaria, é visível o claustro, através de um grande vão direccionado. É daqui que se tem acesso à recepção, através de uma porta no lado direito, para onde se desenvolvem as restantes zonas comuns e a ala norte dos quartos, repleta de luz. Nos corredores de acesso aos quartos é apresentado um ambiente que, apesar de despojado, é aconchegante, proporcionado pela relação da luz com os materiais escolhidos: pavimentos em madeira, paredes estucadas e tectos revestidos com caixotões em aço *corten* oxidado.

No interior foi mantida a estrutura original das dependências e, apenas em algumas salas sucessivas, foram retiradas as portas, algumas posteriormente colocadas nas paredes como painéis decorativos, para que se criasse um espaço contínuo, deixando apenas os respectivos vãos abertos. Esta sucessão de espaços intercomunicantes desenvolvem-se a partir da recepção e dizem respeito às zonas comuns: salas de estar, bar e zonas destinadas à televisão e ao bilhar, que direccionam os hóspedes até ao restaurante.



Fig. 28 - Imagens das zonas comuns da Pousada, (n.d.)

Toda a decoração oferece um ambiente contemporâneo, simples, sóbrio e acolhedor, remetendo para um espaço despojado de um mosteiro cisterciense.

A grande chaminé de granito do velho refeitório, na fachada posterior, foi mantida, passando a funcionar o restaurante da pousada no espaço da antiga cozinha, cujo espaço, com paredes de granito, é dividido em três através de arcos abatidos de diferentes dimensões. Onde anteriormente se encontravam a adega e a tulha, à direita do novo restaurante, encontram-se dois grandes salões, um reservado a salão de festas e o outro a auditório.



Fig. 29 - Chaminé e fachada Sul da Pousada, (n.d.)

No exterior, numa primeira cota, dispõe-se uma esplanada, e junto ao restaurante um grande tanque de pedra. A um nível inferior é possível encontrar a piscina de forma oval e um campo de ténis envolvidos por jardins, hortas, olivais e campos de vinha.

Segundo o arquitecto Eduardo Souto de Moura, *“Construí um edifício novo com paredes antigas [...]. Quando comecei percebi, juntamente com os arqueólogos, que o mosteiro era feito de sobreposições, comprovando que o património acaba sempre por ser feito por atentados ao património... A partir daí foi-me mais fácil materializar a ideia: fazer renascer o mosteiro como uma estrutura do século XX, no respeito pela História[...].”*

4.3 Pousada da Flor da Rosa, Crato

É na pequena Vila da Flor da Rosa, concelho do Crato, em plena planície do Alto Alentejo, que encontramos a pousada, resultado da recuperação do antigo Convento da Flor da Rosa. O local onde está implantada é bastante peculiar, já que é rodeado por terrenos agrícolas excepto a Sul, onde se estabelece a entrada e a ligação com a povoação.



Fig. 30 - Vista aérea e implantação da Pousada, (n.d.)

A construção do convento remonta à segunda metade do século XIV, por vontade do Prior da Ordem do Hospital, que manifesta a sua intenção de ali fixar residência, aquando a transferência da sede da ordem para o Crato em 1340. O local, por se encontrar em terras fronteiriças, simbolizava o poder da Ordem, resultando numa obra que se aproxima mais de uma fortaleza do que de um convento. Assim foi erguido um edifício com características de um mosteiro medieval, de estrutura gótica e de carácter bastante defensivo.

A construção foi iniciada em 1351 tendo terminado apenas vinte anos depois. Compreendia o Paço acastelado, onde residia o Prior do Crato, a Igreja de Santa Maria, que ocupava a metade nascente do monumento e ainda as dependências monacais. A imagem do conjunto edificado é caracterizada pelas elevadas torres ameadas do paço e a verticalidade ditada pela igreja, disposta paralelamente à fachada principal em cruz grega, e ainda realçada pela robustez, o simplicidade e o carácter maciço das paredes.

Nas primeiras décadas do século XVI o mosteiro sofre grandes obras de reformulação incluindo a conclusão do claustro e várias intervenções no Paço e na Igreja, passando o mosteiro a ter apontamentos manuelinos, mudéjares e renascentistas. Lentamente o edifício vai entrando em declínio, até que em 1615 já se encontra bastante danificado e sem condições de habitabilidade, o que levou ao seu abandono. Em 1910, apesar de já se encontrar numa situação de extrema degradação, inclusive sem parte da cobertura da igreja, é considerado monumento nacional. Nas décadas de 40 e 60 é alvo de um restauro integral, seguindo a política do Estado Novo, até que na década de 90 surge a oportunidade de não deixar cair o

imóvel no esquecimento e devolver-lhe vida com uma nova função, adaptando então para pousada, segundo projecto do arquitecto João Luís Carrilho da Graça (1952).



Fig. 31 - Fachada principal da Pousada, (n.d.)

A intervenção teve por base o restauro do antigo mosteiro e a construção de um novo bloco de expressão contemporânea para que fossem satisfeitas as exigências programáticas da estrutura hoteleira. O mosteiro apresenta-se como protagonista, registo de uma memória que se quer preservar e que intencionalmente prevalece sobre a construção adicional, como afirma Carrilho da Graça, "O objectivo do projecto é intensificar a possibilidade de visita do edifício existente, privatizando-o e ocupando-o o menos possível, relendo-o e abrindo-o a novas leituras."³¹

A relação entre o novo e o antigo surge como uma dicotomia expressiva, pois uma das características mais marcantes do antigo imóvel é a sua verticalidade e, o arquitecto propõe um novo corpo, claramente horizontal, de cor branca, que intensificada pela luz contrasta com a cor e textura do mosteiro.



Fig. 32 - Imagem do novo corpo projectado por Carrilho da Graça, (n.d.)

³¹ Carrilho da Graça in *Mosteiro de Santa Maria da Flor da Rosa - Pousada*, *Jornal dos Arquitectos*, nº136/137, Lisboa, 1994, p. 42

A postura de Carrilho da Graça para com o monumento surge a dois níveis diferentes: um de contemplação e um de participação activa na nova função. Exemplo disto é que para aceder por Sul à pousada, é necessário atravessar e percorrer grande parte do antigo mosteiro, através da Igreja e do claustro, trabalhados como objectos vazios carregados de história, como se fosse uma sala de entrada que marca o respeito pela memória. Na zona Norte o arquitecto optou por restaurar e adaptar o edifício às suas novas funções, hospedando as zonas comuns e quartos.



Fig. 33 - Imagem do claustro, (n.d.)

A entrada da pousada faz-se então pelo interior do claustro , com acesso a recepção. Esta funciona como o ponto de charneira entra as duas frações, o antigo e o novo, sendo que aqui, através de um grandioso vão envidraçado se pode ter ligação com o exterior e visualizar a nova ala dos quartos.

Da recepção, no piso zero, acede-se às comunicações verticais e ao bar, onde anteriormente existia a Sala do Capítulo, restaurada de forma a que não perdesse a sua história, com as suas altas colunas torcidas que suportam o tecto em abóbada e as suas grandes janelas de arco em ogiva. No piso um, apenas existe acesso à nova ala dos quartos, distribuídos num longo corredor que, chegando ao final deste temos acesso ao exterior, para a zona dos jardins e

piscina, a Oeste do mosteiro. O segundo piso apenas se desenvolve nas alas Norte e Poente, acedendo-se através das comunicações verticais presentes na recepção. Na zona Norte, e desenvolvendo-se em torno do claustro, encontram-se os quartos agora instalados nas antigas celas do mosteiro, as zonas de estar e a sala de televisão. Igualmente em torno do claustro, mas na zona Poente está a sala de jogos que permite aceder à sala da lareira, já situada na torre a Sul. Esta sala exibe como elemento central a lareira de desenho bastante moderno, inserida num espaço com duplo pé direito, onde a chaminé serpenteia até ao topo, em busca do exterior. Nesta mesma torre estão ainda dois quartos, um dos quais se considera ter sido o do próprio Prior do Crato.



Fig. 34 - Bar da Pousada (antiga Sala do Capítulo), (n.d.)

5. O projecto

5.1 O existente. Da construção à actualidade

A construção do Cine-Teatro de Mangualde, concluído em 1950 e inaugurado a 9 de Abril do mesmo ano, promoveu ao longo de trinta e quatro anos a cidade de Mangualde, sendo um atractivo tanto para as pessoas autóctones, como para as pessoas vindas de fora. Contribuiu por um lado, para um desenvolvimento económico, através do incremento do comércio e, por outro lado, para um desenvolvimento cultural, despoletando o interesse pela arte do espectáculo, surgindo novas associações e grupos recreativos.

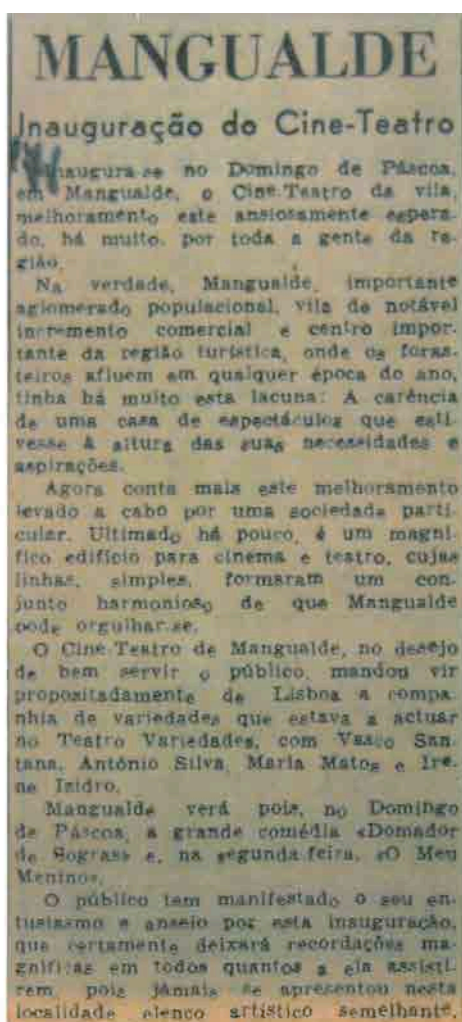


Fig. 35 - Recorte do Jornal de Notícias, Porto, 8 de Abril de 1950

Francisco Keil do Amaral projecta um edifício que se pretendia simples, de traçado limpo, regulado por uma composição de volumes rectos. Observando o Cine-Teatro, deparamo-nos

com a força de três volumes principais: a torre, o volume da sala de espectáculos e foyers, e um volume lateral.

A torre, o elemento mais marcante e de eixo vertical, marca a utilização de um material da zona, o granito. Surge como um volume estrutural, todo em pedra, onde se desenvolvem as escadarias de acesso aos balcões, camarotes e à tribuna geral, assim como às instalações sanitárias.



Fig. 36 - Desenhos dos alçados frontal e lateral respectivamente, 2013

O elemento com maior volume, a sala de espectáculos e palco, aparece como um grande paralelepípedo rígido, excepto na fachada principal, onde se desenvolvem os foyers, com a criação de uma sequência de vãos e lâminas de betão verticais, que concedem verticalidade ao alçado frontal.

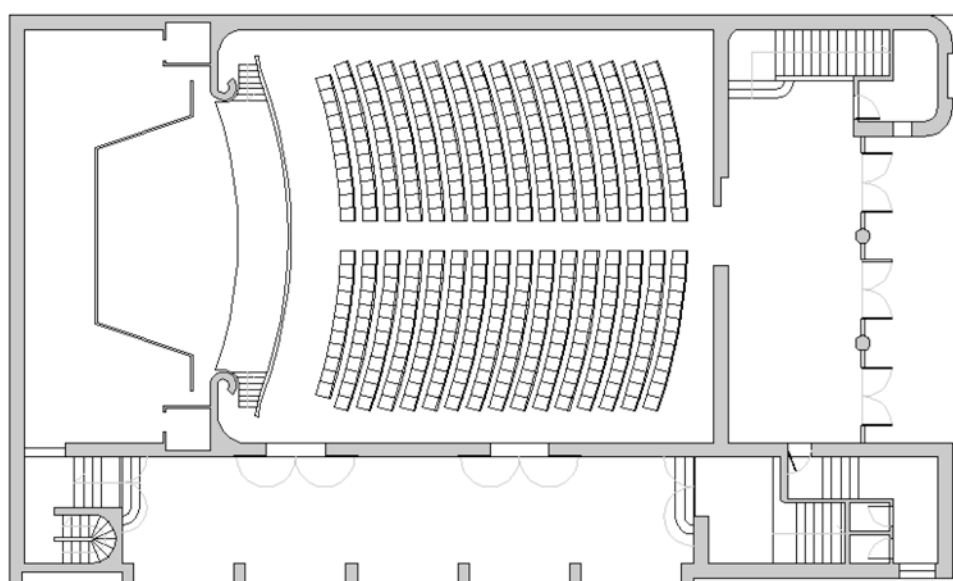


Fig. 37 - Planta do Piso 0 do Cine-Teatro, 2013

O volume lateral desenvolve-se como uma “língua”, suspensa por pilares de granito, marcados através do contraste de materiais. Este volume abrange o núcleo de acessos e serviços, assim como os camarins. Na composição da fachada, nota-se um confronto da verticalidade dos pilares com a horizontalidade dos vãos e do próprio volume suspenso.

O imóvel apenas possui duas frentes, sendo uma para o acesso frontal e principal, que liga directamente com a rua e, outra localizada lateralmente onde existe um estreito logradouro.

Resulta então num “[...] edifício sóbrio, despido de adornos ou artefactos que pudessem ser mal interpretados e encarecer um trabalho que se queria rigoroso e com eficiência espacial e económica.”³².



Fig. 38 - Maquete Virtual do Cine-Teatro, 2013

Como já referido anteriormente, por questões de segurança, surge, em 1984, um ofício da Câmara Municipal a decretar o encerramento do edifício, fechando as portas a 21 de Julho do mesmo ano, até aos dias de hoje.

Actualmente, o Cine-Teatro apresenta um elevado estado de deterioração, estando ao abandono total, com algumas partes em ruínas, aumentando gradualmente o valor do investimento necessário para a sua recuperação. Após a primeira queda de parte do telhado, em 1993, o imóvel não sofreu qualquer intervenção para impedir que o grau de degradação aumentasse. Hoje, quem o visitar, depara-se com a ausência total do telhado na sala de espectáculos, encontrando-se esta totalmente destruída, perdendo os contornos e detalhes inteligentes do espaço.

³² José Bandeirinha in Keil do Amaral, *Obras de Arquitectura na Beira - Regionalismo e Modernidade*. Lisboa, 2010, p. 53



Fig. 39 - Interior do Cine-Teatro, 2013

A zona dos balcões e camarotes que, devido ao facto de se encontrarem desprotegidos contra os agentes atmosféricos adversos e apesar da sua construção em betão, se encontra também em elevado estado de deterioração. Igualmente, todos os elementos em madeira constituintes do edifício, por estarem sem protecção e assim expostos às mesmas condições meteorológicas, se apresentam danificados. Estes elementos englobam as portas, janelas, cadeiras, rodapés, forros, revestimentos, entre outros.



Fig. 40 - Fotografia do Cine-Teatro, 2013



Fig. 41 - Fotografia do interior (antigo bar) do Cine-Teatro, 2013



Fig. 42 - Fotografia do Cine-Teatro (zona da plateia), 2013

Como aproveitamento do existente temos as paredes estruturais exteriores de construção robusta, que rodeiam todo o edifício, e algumas paredes interiores que se encontram com algum grau de conservação.

Assim, os espaços com maior possibilidade de aproveitamento são a torre, a zona dos *foyers* e o volume dos camarins. Verificamos que todo o espaço da sala de espectáculos, incluindo o palco, se apresenta de difícil aproveitamento, devido ao péssimo estado de conservação.

Esta análise do edifício *in loco* foi fundamental para a elaboração do projecto, sendo o ponto de partida para o processo projectual, uma vez que permitiu observar o estado do imóvel e as estruturas que poderiam ser mantidas.



Fig. 43 - Fotografia do pátio lateral do Cine-Teatro, 2013

5.2 Memória Descritiva e Justificativa

A proposta de projecto da Pousada localizada no centro da cidade de Mangualde, mais precisamente na Avenida dos Combatente da Grande Guerra, assenta na reconversão do Cine Teatro. O edifício, abandonado desde 1984, encontra-se em elevado estado de deterioração pelo que o aproveitamento da construção existente é diminuta, resumindo-se apenas aos lobbys, *foyers* e fachadas.



Fig. 44 - Localização/implantação (sem escala), 2013

Para a definição do programa da Pousada foi fundamental a recolha de informação de outras pousadas, a análise dos casos de estudo e de toda a legislação referente às unidades hoteleiras em Portugal, entre as quais a *Portaria n.º 465/2008*, que visa a classificação das unidades hoteleiras, o *D.L. n.º 243/86*, que regula a higiene e segurança do trabalho nos estabelecimentos comerciais, de escritórios e serviços, assim como o *Plano Director Municipal* de Mangualde.

Com base nessa legislação encontrámos alguns pontos fundamentais para a definição do programa. Seriam necessários, no mínimo, dez quartos, sendo que, as áreas para os quartos individuais e duplos, não poderiam ser inferiores a 12m² e 17m² respectivamente. Outro ponto fundamental foi a necessidade de existirem dois acessos isolados, para hóspedes e pessoal, assim como, restaurante e cozinha, zona de recepção e de estar e depósito de bagagens.

Assim, dividimos o programa da Pousada em três partes distintas: uma de hóspedes, mais privada, onde se englobam os quartos; outra de restauração, aberta ao público em geral; e, por fim, outra de serviço, para apoio à unidade hoteleira.

O primeiro sector, de hospedagem, desenvolve-se em dois pisos com cinco quartos em cada, prefazendo um total de dez. Para englobar toda a heterogeneidade de hóspedes pensámos em criar diferentes tipologias de quartos, com a finalidade de tornar a proposta mais versátil e abrangente, resultando em dois quartos de solteiro, seis quartos de casal, incluindo dois para pessoas com mobilidade condicionada, e dois quartos triplos. Foi intenção que todos os dormitórios tivessem instalações sanitárias privadas (tipo suite), roupeiro, mini-frigorífico, zona de estar e/ou de trabalho.

O quarto para hóspedes com mobilidade condicionada, com a porta mais próxima dos acessos, possui uma área maior de modo a facilitar a movimentação, bem como uma instalação sanitária, composta por todo o equipamento exigido pelas respectivas normas.



Fig. 45 - Esquema das diferentes tipologias de quartos, 2013

No piso térreo está implantado o segundo sector, mais social e aberto ao público em geral, onde funciona a zona de restaurante e bar. Neste local são servidas também refeições para hóspedes. O acesso a estes espaços pode ser feito através da entrada principal, passando pelo lobby da pousada, ou por uma entrada lateral, directamente para o bar, e seguidamente para o restaurante. Estes dois espaços, possuem ligação com o pátio central da Pousada, com uma pequena zona de esplanada.

Por fim, a zona de serviço/apoio ao pessoal da pousada centra-se no primeiro piso, com vestiários masculinos e femininos, zona de arrumos, zona de estar e refeições. No piso térreo há também instalações sanitárias, cozinha e instalações de apoio ao restaurante bem como um escritório localizado na zona da recepção.

Nas seguintes tabelas, temos um resumo dos espaços que se encontram distribuídos em cada piso e as respectivas áreas e as áreas totais de cada zona.

Tabela. 1 - Resumo dos espaços por piso

Piso 0		
Zona	Espaço	Área (m ²)
Exterior	Pátio central	53.70
Social	Recepção	11.50
	Lobby	64.40
	Restaurante	91.05
	Bar	46.26
	Instalações sanitárias	11.25
Serviço	Depósito de bagagens	6.25
	Cozinha	58.36
	Instalações sanitárias de apoio à cozinha	4.55
	Escritório	18.90
	Monta Cargas	8.65
	Escada de serviço e acesso para pessoal	19.80
Piso 1		
Social	Foyer	82.60
	Corredores/aceessos	42.83
Quartos	Quarto single	18.65
	Quarto de casal A	24.65
	Quarto de casal B	34.70
	Quarto para hóspedes com mobilidade condicionada	41.01
	Quarto triplo	43.66
Serviço	Corredores/aceessos	41.55
	Balneário masculino	10.71
	Balneário feminino	12.77
	Sala de estar/refeições para pessoal	18.16
	Monta cargas	8.65
	Arrumos	18.90
Piso 2		
Social	Foyer	82.60
	Corredores/aceessos	42.83
Quartos	Quarto single	18.65
	Quarto de casal A	24.65
	Quarto de casal B	34.70
	Quarto para hóspedes com mobilidade condicionada	41.01
	Quarto triplo	43.66
Serviço	Monta cargas	8.65
	Corredores/aceessos	18.90

Tabela. 2 - Áreas totais das diferentes zonas

Zona	Piso	Área por piso (m ²)	Área total (m ²)
Social	Piso 0	224.46	475.32
	Piso 1	125.43	
	Piso 2	125.43	
Serviço	Piso 0	116.51	254.80
	Piso 1	110.74	
	Piso 2	27.55	
Quartos	Piso 1	162.67	325.34
	Piso 2	162.67	

5.2.1 Ideia/Conceito

Quando iniciámos a abordagem e estudo ao edifício existente, ao seu estado de degradação e ao seu espaço, constatámos que a zona da plateia já tinha ruído, encontrando-se num tal estado de degradação que não justificava a sua recuperação. Optámos apenas pelo aproveitamento das suas paredes estruturais e a zona frontal do edifício, que, por ser construída em betão, ainda possuía condições para o seu aproveitamento. Assim, a ideia principal passa por transformar quase a totalidade do interior, mantendo e alterando, o menos possível, as fachadas e forma exterior do edifício. Sendo um imóvel importante para a cidade, projectado por Francisco Keil do Amaral e com características do Estado Novo, pareceu-nos, na nossa opinião, um erro em não aproveitar as características e linhas das fachadas. São mantidos então os acessos, o principal virado para a Avenida, e os secundários para a lateral, funcionando como entradas de serviço.

Mantendo estas estruturas e linhas, assim como os *foyers*, pretende-se manter as memórias colectivas desses espaços, para que o edifício possa reassumir o papel de destaque e simbolismo que outrora possuiu. A intenção de alterar o menos possível as fachadas e por conseguinte a morfologia espacial, prende-se com o facto de preservar e conservar os elementos exteriores predominantes do conjunto arquitectónico.

Outra característica crucial para a proposta de intervenção, foi o facto do edifício apenas ter duas fachadas livres, pois as fachadas posterior e lateral direita encostam a outros edifícios. Devido a este facto e pela dimensão do antigo Cine-Teatro, era necessário criar novas entradas de luz e arejamento natural. Surge a ideia de retirar pequenos fragmentos no conjunto do volume, criando no centro um pátio, tipo claustro, e uma estreita mas longa abertura na zona lateral direita. É esta característica que influencia toda a forma interior do edifício, a distribuição dos espaços e a sua lógica.



Fig. 46 - Desenho esquemático em corte, 2013

Outro propósito prende-se com a zona de serviço e equipamentos de apoio, que dada a necessidade de ser separada do restante, optámos por utilizar, para essa função, a torre e a zona que cobre o pátio lateral, onde anteriormente funcionavam os camarins.



Fig. 47 - Desenho esquemático inicial da distribuição dos espaços, 2013

5.2.2 Soluções construtivas

Para a estrutura decidimos aproveitar as largas paredes estruturais, tendo em alguns casos, por exigências técnicas, sido reforçadas, como na ligação entre o pátio central e o lateral, onde foi necessário derrubar uma parcela da parede e construir um pórtico em betão armado.

As estruturas básicas são, então, em betão armado, com pilares e vigas que ligam entre si às paredes estruturais, de pedra. Os fechamentos das paredes exteriores são feitos por dois panos em alvenaria de tijolo cerâmico furado com 0,11 m de espessura, separada por placas de isolamento térmico e acústico, de Poliestireno extrudido, XPS, com 0,04m. O reboco exterior, com uma espessura de 0,02m, é pintado à cor branca e o interior revestido a estuque tradicional com 0,02m, ou nas parte húmidas, com azulejo cerâmico ou mármore.

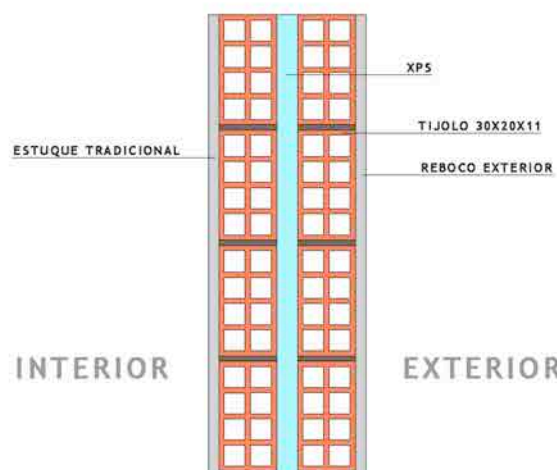


Fig. 48 - Esquema de paredes exteriores (sem escala)

Na generalidade, as paredes interiores, de compartimentação, são constituídas por alvenaria em tijolo cerâmico furado com 0,11m de espessura, revestidas, em ambas as faces, por uma camada de estuque tradicional, com 0,02 m de espessura. Contudo, com a necessidade de um melhor comportamento térmico, e sobretudo acústico entre os quartos, a separação é feita por paredes com dois panos do mesmo tijolo, mas com isolamento XPS no seu interior.

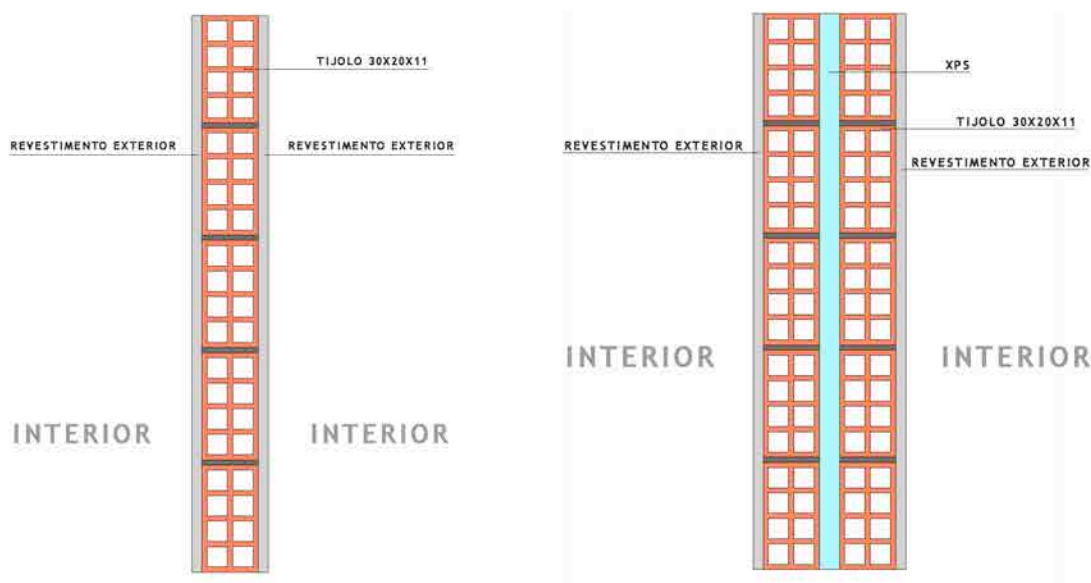


Fig. 49 - Esquemas das diferentes paredes interiores (sem escala)

Os pilares existentes, na maioria inseridos nas paredes de compartimentação, são constituídos por betão com armadura de aço. O revestimento em ambas as faces é feito por estuque tradicional com 0,02m de espessura, com o devido acabamento (pintura, placas de madeira, azulejo ou mármore).

As lajes são maciças de betão armado com 0,20m de espessura, com isolamento XPS com 0,03m de espessura, para um melhor conforto térmico e acústico, seguido de betonilha de regularização com 0,05m de espessura, onde assenta o revestimento.



Fig. 50 - Esquema das lajes (sem escala)

O revestimento varia conforme a função e utilização do espaço. Assim, nos quartos, temos um pavimento em madeira maciça que assenta directamente na betonilha. Esta escolha incide pelo nível estético, devido à sua beleza e nobreza, assim como pela sensação de conforto e aconchego, características que os quartos devem beneficiar.

Os acabamentos são feitos com recurso a materiais de qualidade superior e em sintonia com os objectivos e as ocupações de cada zona ou unidade habitacional (quartos).

Nas zonas comuns e corredores optou-se por instalar um pavimentos em pedra mármore, de cor clara. Este pavimento é utilizado também no restaurante e bar da pousada.

As zonas de águas, cozinhas, instalações sanitárias, vestiários, e arrumos serão pavimentados com azulejos cerâmicos lisos, antiderrapantes e de fácil limpeza.

No que diz respeito à cobertura, esta é feita em vários níveis e tipos. De maneira a manter a imagem e forma exterior do edifício, a cobertura inclinada de apenas uma água, da fachada principal, assim como a referente à torre, de quatro águas, são mantidas, e a lateral passa de uma para duas águas. Estas coberturas em desvão são duplas, em laje maciça de betão armado com 0,20m de espessura, sobre a qual assenta o isolamento térmico XPS com 0,08m e com telha cerâmica.

A restante cobertura, maioritariamente no corpo da pousada referente aos quartos, é semi-plana, composta por placas de zinco, devidamente isolada e impermeabilizada, rodeada por platibandas, de modo a tornar a vista do telhado impossível. A escolha do zinco recai nas suas propriedades de durabilidade, isenção de manutenção e flexibilidade.

Todos os espaços do edifício têm tecto falso em gesso cartonado, suspenso por réguas de alumínio. Para além das funções de isolamento térmico-acústico, estes tectos permitem várias soluções de iluminação directa e indirecta através de focos, candeeiros, barras

luminosas, etc.. Possibilitam, ainda, uma incorporação simples e eficiente das instalações técnicas (fios eléctricos, condutas de ar, canalizações, etc.).

As portas exteriores, serão em madeira com vedação em borracha, em todo o perímetro, com a intenção de manter as linhas e forma das existentes. Na fachada principal, onde existiam três portas, passa apenas a existir uma, central, sendo as outras substituídas por envidraçados.

A generalidade das portas interiores são em madeira, de uma folha, exceptuando as portas para os quartos, que exigem outras especificações. Optámos então, por portas corta-fogo, construídas em réguas de madeira densa, para resistência ao fogo e melhor comportamento acústico. Estas portas possuem fechadura electrónica.

O fechamento dos vãos é realizado por janelas em caixilharia de PVC, com vidro duplo incolor, e lâmina de ar. Nos quartos, pela necessidade de escurecimento durante o dia e a noite, optámos por cortinas rolantes blackout, para que a entrada de luz seja controlada pelos hóspedes, com o menor impacto possível, tanto a nível estético, como sonoro.

5.2.3 Lógicas/Percursos

Os acessos à Pousada são realizados pela única via confrontante ao lote, a Avenida dos Combatentes da Grande Guerra.

O edifício possui entradas distintas, uma para hóspedes e clientes do restaurante e bar e outra para os trabalhadores. A entrada principal, faz-se pela frente da Pousada, directamente pela Avenida dos Combatentes da grande Guerra.

Na lateral temos a entrada de serviço, através do logradouro, assim como o acesso ao pátio central, bar e monta-cargas. O logradouro, com a ligação à cozinha e monta-cargas, foi pensado de maneira a obter um espaço para cargas e descargas, de forma a não ocupar a via principal, evitando o contacto com os hóspedes.

Assim, no que diz respeito aos funcionários da Pousada, estes entram pela porta que se encontra ao fundo do pátio lateral. Esta dá acesso directo à cozinha e às escadas para o piso superior, onde existem os vestiários masculino e feminino, uma zona de estar/refeições e o monta cargas, com ligação aos arrumos. A zona de serviço foi projectada de maneira a ficar separada do resto do edifício, havendo duas ligações, uma para o corredor dos quartos e outra para o foyer.

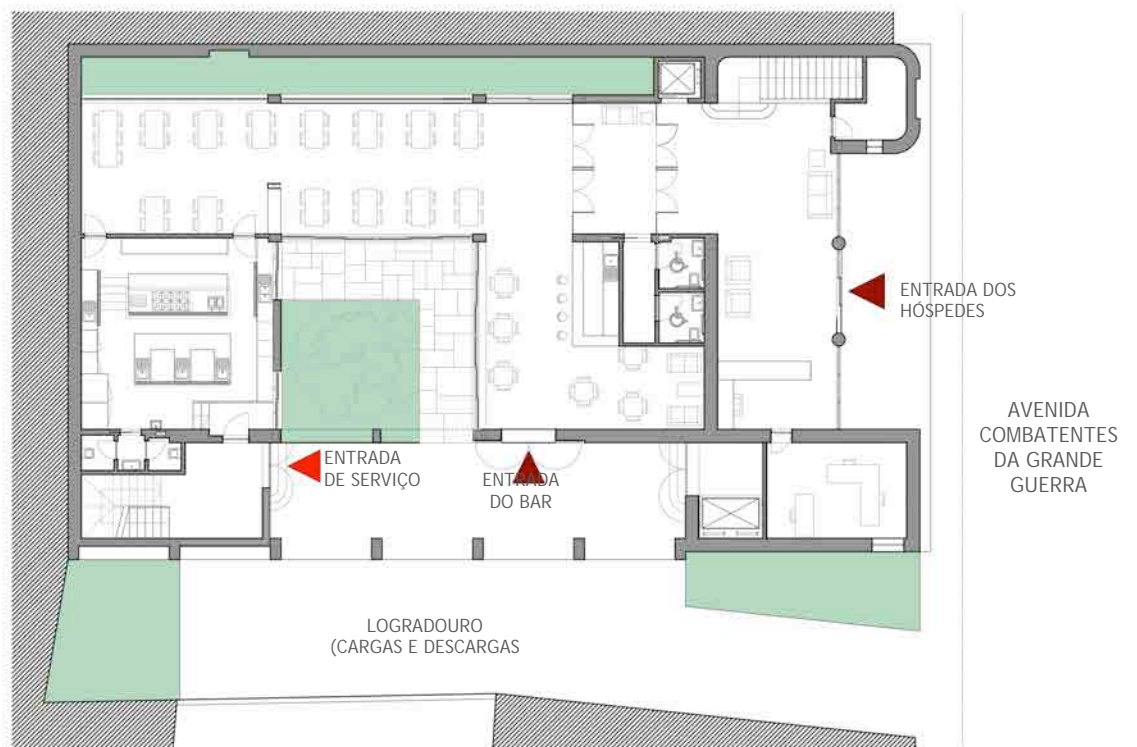


Fig. 51 - Entradas da Pousada

No piso térreo, os hóspedes entram directamente no *lobby* e recepção, que faz a ligação a toda a Pousada. A partir do *lobby* é possível aceder ao bar e restaurante, através de uma antecâmara, assim como às instalações sanitárias para uso geral. Neste amplo espaço, marcado por transparências e grandes vãos para o exterior, sobressai a escadaria e respectivo guarda corpos, mantidos, conforme projectados por Keil do Amaral.

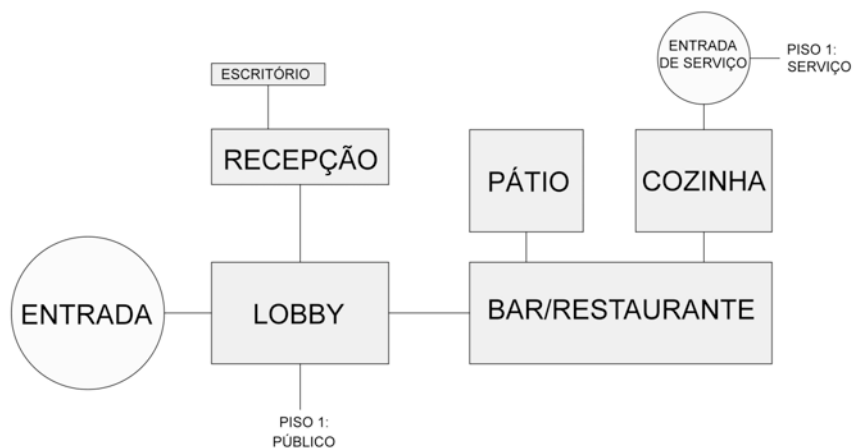


Fig. 52 - Organograma espacial do piso térreo

Os quartos, dispostos no primeiro e segundo piso, distribuem-se através de um corredor que vence pela relação da luz e a sobriedade dos materiais escolhidos. Ao longo do corredor existem grandes envidraçados direccionados para um estreito pátio, rodeado pelas paredes existentes em pedra aparente, criando entradas de luz indirectas e a sensação de aconchego. Ainda nestes pisos, há espaçosos *lobby*, onde se efectuam as comunicações verticais, servindo como zonas de estar para os hóspedes. No último piso, a partir do *lobby*, temos acesso às escadas de acesso ao miradouro, situado na parte mais alta da torre.

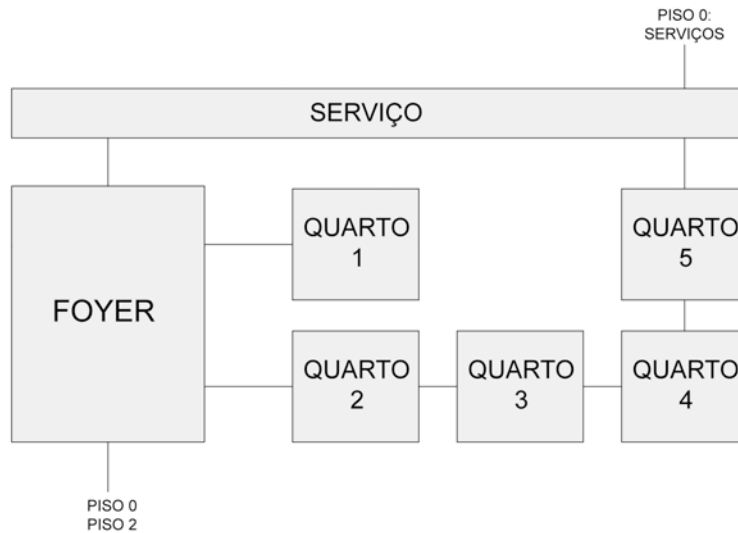


Fig. 53 - Organograma espacial do piso 1

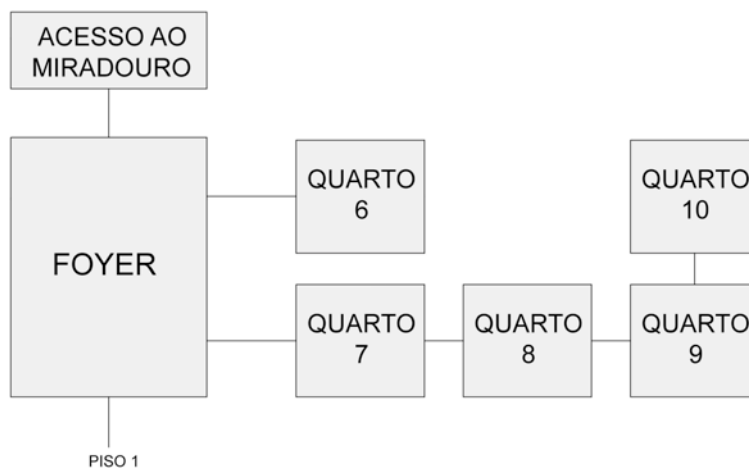


Fig. 54 - Organograma espacial do piso 2

6. Conclusões

Após a elaboração desta dissertação achamos fundamental um grande sentido de responsabilidade e poder criativo para projectar a reconversão de uma obra arquitectónica, de tão grande valor patrimonial, pois é necessário compreender e determinar as potencialidades e limitações de um edifício em mau estado de conservação e manter alguma da história inerente a estes espaços.

A reabilitação/reconversão de edifícios, requer uma metodologia iniciada por um reconhecimento integral da construção existente, analisando a importância patrimonial do imóvel, tendo por base uma pesquisa de documentos escritos, desenhados e fotográficos antigos, a fim de compreender as várias fases do objecto. Se se verificar que o edifício apresenta valor patrimonial e histórico, entendemos que o traçado original deve ser mantido tanto quanto for possível, preservando os elementos históricos e a própria identidade.

A presente investigação apoia-se na temática da reconversão, aliada à análise de casos de estudo e às limitações e valores do imóvel, para a concepção de uma proposta de intervenção possível. Tendo em conta a importância do património na comunidade mangualdense, com o objectivo de torná-la também utilitária do espaço, na definição do programa resolvemos propor, para além dos quartos, espaços abertos ao público, tais como o restaurante e o bar.

O projecto de arquitectura da Pousada procura responder à hipótese colocada nesta dissertação, de como seria possível reconverter um Cine-Teatro em unidade hoteleira. Em nosso entender, conseguimos alcançar os objectivos propostos, através da criação de um espaço que obedece às questões programáticas, respeitando as leis e normas vigentes, útil para o desenvolvimento da cidade. O edifício foi pensado também com a premissa de dotar de conforto, qualidade e dinâmica social, tanto no que respeita ao turismo, como à população local, respondendo às exigências do novo uso sem pôr em causa a integridade do património existente.

Acreditamos no objecto arquitectónico que se propõe e no edifício onde está inserido, nos seus variados espaços interiores e respectiva distribuição, nos espaços exteriores e ligação com os interiores e, ainda, no lugar central que ocupa na cidade.

Foi nossa intenção desenhar um objecto singular, no qual os espaços se articulam de forma clara e objectiva, fazendo com que o objecto valha pela sua imagem simples, despojada de adornos, conforme projectado por Keil do Amaral.

Exteriormente, também foi pensado com moderação e com gestos mínimos no que diz respeito às intervenções nas fachadas, num fiel regresso ao essencial e linguagem arquitectónicas do Estado Novo. Assim, foram dispensados quaisquer acessórios para obter efeitos estéticos, conservando ao máximo o desenho dos alçados, reparando e preservando os elementos que a compõem.

Conseguimos, em nosso entender, projectar uma Pousada que se insere no centro urbano, trazendo maior dinâmica à cidade, tanto pelo atractivo do turismo, como no aspecto social, uma vez que qualquer pessoa pode usufruir do espaço, que outrora fora para uso de toda a população.

Achamos que, na relação entre a preexistência de um edifício e uma nova função, é necessário ter em consideração que, o acto de reabilitar, deve reunir alguns limites e intenções. Deste modo, a intervenção deve permitir, dentro do possível, preservar o carácter original do edifício e a sua conseqüente memória. Assim, esta acção valoriza o património, afastando estes objectos, muitos deles já obsoletos, do abandono e esquecimento, trazendo-os novamente para a vida dos usos contemporâneos.

*"[...] consideramos que as cidades europeias que, independentemente da sua dimensão, tenham evoluído ao longo dos tempos constituem um património económico, social e cultural inestimável e insubstituível."*³³

³³ Comissão Europeia in *Carta de Leipzig sobre as Cidades Europeias Sustentáveis*. Bruxelas, 2007

Bibliografia

Dicionários e enciclopédias:

Anon., 2008. *Dicionário de Língua Portuguesa 2009*. Porto: Porto Editora.

Anon., 2003-2013. *Infopédia*. Porto: Porto Editora.

Anon., 2008-2013. *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*.

Anon., 1998. *Glossário de termos*. Porto: Ministério do Equipamento, do Planeamento e da Administração do Território, CCRN.

Silva, Jorge & Calado, Margarida, 2005. *Dicionário de termos de arte e arquitectura*. Lisboa: Editorial Presença.

Livros:

Anon., 1992. *Mangual*. Mangualde: Escola Secundária de Mangualde.

Almeida, Pedro, 2002. *A arquitectura no Estado Novo*. Lisboa: Livros Horizonte.

Amaral, Francisco, 1942. *A Arquitectura e a vida*. Lisboa: Cosmos.

Bandeirinha, José, 2010. *Keil do Amaral, Obras de Arquitectura na Beira - Regionalismo e Modernidade*. Lisboa: Argumentum.

Beinhauer, Peter, 2012. *Atlas de detalhes construtivos*. 2ª Edição. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SL.

Campos, Nuno & Matos, Patrícia, 2012. *Guia de Arquitectura - Espaços e Edifícios Reabilitados*. Porto: Vida Económica Editorial, SA.

Costa, Alexandre, 1997. *Portugal: Arquitectura do Século XX. Pousada do Convento de Santa Marinha da Costa*. Lisboa: Portugal-Frankfurt.

Costa, Alexandre & Trigueiros, Luís, 1993. *Fernando Távora*. Lisboa: Editorial Blau, Lda.

Fernandes, José, 1995. *Cinemas de Portugal*. Lisboa: Edições Inapa.

Fernandes, José, 1999. *Pousadas de Portugal: obras de raiz e em monumentos - Caminhos do Património 1929-1999*. Lisboa: DGEMN.

Fernandes, José, 2003. *Português Suave, Arquitectura do Estado Novo*. Lisboa: Departamento de Estudos - IPPAR e Ministério da Cultura.

Gomes, Luís & Carvalho, Pedro, 1992. *O Património Arqueológico do concelho de Mangualde*. Viseu: Câmara Municipal de Mangualde.

Henriques, Fernando, 1990. *A conservação do património histórico edificado*. Lisboa: Laboratório Nacional de Engenharia Civil.

Leal, João, 2011. *Turismo, a nova multinacional*. Lisboa: Bnomics.

Lobo, Susana, 2007. *Pousadas de Portugal - Reflexos da Arquitectura Portuguesa do Século XX*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Minguet, Josep, 2012. *Rehabilitation & ecology architecture*. Barcelona: Instituto Monsa de Ediciones.

Mostaedi, Arian et al., 2007. *New Perspective: Design Hotels*. Barcelona: Links International.

Neufert, Peter, 2004. *Neufert. Arte de projetar em arquitetura*. 17ª Edição. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SL.

Pina, Luís, 1986. *História do cinema português*. Mem Martins: Publicações Europa-América.

Pinto, Ana & Meireles, Fernanda & Cambotas, Manuela, 2006. *História da Cultura e das Artes*, 12º Ano. 3ª parte. Porto: Porto Editora.

RGEU, 2005. *Regulamento Geral das Edificações Urbanas*. Porto: Porto Editora.

Rosas, Fernando (coord.) & Serrão, Joel & Oliveira, A., 1992. *Portugal e o Estado Novo (1930-1960) - As grandes linhas da evolução institucional*. Lisboa: Editorial Presença.

Santa-rita, António, 2009. *Reflexões - Ocupação urbana, Arquitectura e sustentabilidade, Meio ambiente*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.

Silva, Susana, 2010. *Arquitectura de Cine-Teatros: evolução e registo (1927-1959)*. Coimbra: Edições Almedina SA.

Távora, Fernando, 1985. *Pousada de Santa Marinha, Guimarães*. Boletim nº 130. Lisboa: DGEMN.

Veiga, Carlos, 2009. *"Município de Mangualde: de finais do Regime Senhorial à Emergência Industrial"*. Mangualde: Câmara Municipal de Mangualde.

Teses e Dissertações:

Brandão, Mariana, 2001. *Pousadas de Portugal: três estudos de caso: Pousada de D. Diniz, Santa Marinha da Costa e Santa Maria do Bouro*. Dissertação de Mestrado em História da Arte em Portugal. Porto: FLUP.

Brás, Ana, 2011. *Cine-Teatros. Percorrendo a Beira Interior*. Dissertação de Mestrado em Arquitectura. Covilhã: UBI.

Fontes, Maria, 1997. *Turismo e desenvolvimento: o modelo organizativo das Pousadas de Portugal e o desenvolvimento local e regional*. Dissertação de Mestrado em Sistemas Sócio Organizacionais da Actividade Económica. Lisboa: UTL.

Henriques, Susana, 2000. *Keil do Amaral - Urbanista. Tradição e Modernidade na sua obra*. Dissertação de Mestrado em Arquitectura. Lisboa: ISCTE.

Nunes, Joana, 2011. *Reconversão de edifícios preexistentes em unidades hoteleiras*. Dissertação de Mestrado em Arquitectura com especialização em Arquitectura de Interiores. Lisboa: FAUTL.

Ornelas, Cilísia, 2006. *Recuperação de Cine-teatros modernos portugueses*. Dissertação de Mestrado em Arquitectura. Porto: FAUP.

Pereira, Ana, 2007. *Os Conventos do Porto: discontinuidades, transformação e reutilização*. Dissertação de Mestrado em Metodologia de Intervenção no Património Arquitectónico. Porto: FAUP.

Pinho, Ana, 2009. *Conceitos e Políticas Europeias de Reabilitação Urbana - Análise da experiência portuguesa dos Gabinetes Técnicos Locais*. Tese de Doutoramento em Planeamento Urbanístico. Lisboa: FAUTL.

Ramos, Sofia, 2008. *O Cine-teatro de Mangualde do arquitecto Keil do Amaral: génese monográfica no contexto da arquitectura portuguesa do séc. XX*. Tese de Mestrado em Reabilitação do Espaço Construído. Coimbra: FCTUC.

Rodrigues, Bruno, 2012. *Reabilitação de edifícios habitacionais com valor patrimonial - o caso do Centro Histórico de Guimarães*. Dissertação de Mestrado em Arquitectura. Porto: FAULP.

Serrão, Ana, 2008. *Reconversão de edifícios patrimoniais para habitação*. Tese de Mestrado em Recuperação e Conservação do Património Construído. Lisboa: UTL.

Simões, António, 2009. *A reconversão de edifícios não habitacionais, para uma (nova) função residencial no âmbito da reabilitação urbana. Estudos de casos exemplares no Porto*. Relatório de Mestrado em Engenharia Civil. Porto: FEUP.

Vaz, Raquel, 2009. *Património: Intervir ou Interferir?: Sta. Marinha da Costa e Sta. Maria do Bouro*. Tese de Mestrado em Arquitectura. Coimbra: UC.

Venda, Cátia, 2008. *Reabilitação e reconversão de usos: o caso das pousadas como património*. Dissertação de Mestrado em Arquitectura. Lisboa: UTL.

Artigos:

Alçada, Margarida, 2001. *Património para o Século XXI*. Revista Semestral: Monumentos, nº14. Lisboa: DGEMN/ Ministério das Obras Públicas. pp. 135-136.

Alves, Petra, 2010. *Recuperação e Remodelação: intervenções para espreitar no Porto, Leiria, Carcavelos, Sintra e Lisboa*. Revista Bimestral: Arquitectura & Construção, nº 58. Paço de Arcos: Impresa Publishing, SA.

Europeia, Comissão, 2007. *Carta de Leipzig sobre as Cidades Europeias Sustentáveis*. Bruxelas: CE.

Disponível em: <http://www.norte41.org/pt-pt/content/requalificacao-de-edif%C3%ADcios>

Graça, Carrilho, 1994. *Mosteiro de Santa Maria da Flor da Rosa - Pousada*. Jornal de Arquitectos, nº136/137. Lisboa: Ordem dos Arquitectos.

Maio, Luís, 2007. *Do Planeta como Fábrica de Turistas*. Jornal de Arquitectos, nº227. Lisboa: Ordem dos Arquitectos.

Disponível em: <http://www.arquitectos.pt/documentos/1226277004U8uFG8ne8Xk61BL0.pdf>

Santos, Artur, 2013. *Espaços teatrais e cinematográficos. Subsídios para a história do Cine-Teatro de Mangualde*. Jornal O Zurara, nº 115, p.9 . Mangualde: O Zurão, produções e edições, Lda.

Tavares, António, 2013. *Património: testemunho da história e também por ela explicado*. Jornal Notícias da Beira, nº2549, p. 10. Mangualde: Fundação Cónego Monteiro.

Tavares, António, 2013. *Território de Mangualde: plataforma física do património cultural, sua caracterização*. Jornal Notícias da Beira, nº2550, p. 10. Mangualde: Fundação Cónego Monteiro.

Páginas Web:

Câmara Municipal de Mangualde, 2013. *Gestão territorial - PDM*. [em linha]. Disponível em: <http://www.cmmangualde.pt/index.php/atividade-municipal/gestao-territorial/pdm.html>. [consultado em 3 de Abril de 2013].

DGEMN, 2013. *Sistema de Informação para o Património Arquitectónico*. [em linha]. Disponível em: <http://www.monumentos.pt>. [consultado em Maio de 2013].

Governo de Portugal, 2013. *Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico - Cartas e Convenções Internacionais sobre Património*. [em linha]. Disponível em: <http://www.igespar.pt>. [consultado em 20 de Abril de 2013].

Instituto Nacional de Estatística, 2013. *Censos*. [em linha]. Disponível em: <http://censos.ine.pt>. [consultado em 12 de Abril de 2013].

Pestana Turismo, 2013. *Pousadas de Portugal*. [em linha]. Disponível em: <http://www.pousadas.pt>. [consultado em 14 de Abril de 2013].

Lista de Anexos

- Folha 1: Cine-Teatro - Planta ao nível da plateia
- Folha 2: Cine-Teatro - Planta ao nível dos camarotes
- Folha 3: Cine-Teatro - Planta ao nível da geral
- Folha 4: Cine-Teatro - Planta por cima da geral
- Folha 5: Cine-Teatro - Alçado frontal
- Folha 6: Cine-Teatro - Alçado lateral esquerdo
- Folha 7: Cine-Teatro - Corte AB
- Folha 8: Cine-Teatro - Corte CD
- Folha 9: Cine-Teatro - Corte GH
- Folha 10: Cine-Teatro - Corte EF
- Folha 11: Planta de Implantação
- Folha 12: Planta do piso 0
- Folha 13: Planta do piso 1
- Folha 14: Planta do piso 2
- Folha 15: Planta do piso 3
- Folha 16: Planta do piso 4
- Folha 17: Planta da cobertura
- Folha 18: Alçado Frontal
- Folha 19: Alçado Lateral Esquerdo
- Folha 20: Corte AB
- Folha 21: Corte CD
- Folha 22: Corte EF
- Folha 23: Corte GH
- Folha 24: Pormenor construtivo - Planta
- Folha 25: Pormenor construtivo - Corte